

Passeio poético pela obra de Marx

e outros poemas necessários



(Espanol/English)

Passeio poético pela obra de Marx
e outros poemas necessários

*Paseo poético por la obra de Marx
y otros poemas necesarios*

*Poetic tour through Marx's work
and other necessary poems*

Passeio poético pela obra de Marx
e outros poemas necessários

*Paseo poético por la obra de Marx
y otros poemas necesarios*

*Poetic tour through Marx's work
and other necessary poems*



Copyright © 2015, by Escola Nacional Florestan Fernandes

Poemas: *Fábio Carvalho*

Texto sobre a vida e obra de Marx: *José Paulo Netto*

Revisão (Português): *Jade Percassi*

Capa e diagramação: *Escola Nacional Florestan Fernandes*

Traducción de los poemas al Español: *Alcides García Carrazana*

Traducción de los textos al Español: *Irma Catalina Salazar Bay*

Revisión (Español): *Daniel Sanchez Pereira y Alcides García Carrazana*

Translation of poems from Portuguese into English: *Dylan Stillwood*

Translation of texts from Portuguese into English: *Stephanie Weatherbee Brito and Roger Lai*

Editing (English): *Stephanie Weatherbee Brito and Kiril Penteshin*

ENFF

Rua Francisco Rapouso Tavares, 1140 - Jardim Parateí

08900-000 - Guararema - SP

Fone: (11) 4062-1215

Email: secgeral@enff.org.br

Sumário Sumario Summary

APRESENTAÇÃO	9	<i>Presentación</i>	95	<i>Presentation</i>	183
		<i>Nota del traductor</i>	97	<i>Translator's note</i>	185
Mouro	11	<i>Moro</i>	99	<i>Moor</i>	187
Aobra	12	<i>La obra</i>	100	<i>Works</i>	188
Inversão	13	<i>Inversión</i>	101	<i>Inversion</i>	189
Domínio	14	<i>Dominio</i>	102	<i>Domination</i>	190
Desumanos	15	<i>Desumanos</i>	103	<i>Inhumans</i>	191
O todo	16	<i>El todo</i>	104	<i>Everything</i>	192
Objetivo do objeto	17	<i>Objetivo del objeto</i>	105	<i>Objective of the object</i>	193
Inclusão	18	<i>Inclusión</i>	106	<i>Inclusion</i>	194
História social	19	<i>Historia social</i>	107	<i>Social history</i>	195
Sociedade burguesa	20	<i>Sociedad burguesa</i>	108	<i>Bourgeois society</i>	196
Permanentemente	21	<i>Permanentemente</i>	109	<i>Permanently</i>	197
Cópia de golpe	22	<i>Copia de un golpe</i>	110	<i>Copy of a coup</i>	198
Consciência	23	<i>Conciencia</i>	111	<i>Consciousness</i>	199
Correlação	24	<i>Correlación</i>	112	<i>Correlation</i>	200
Força de trabalho	25	<i>Fuerza de trabajo</i>	113	<i>Labor power</i>	201
Mais do que valia	26	<i>Másdoquevalía</i>	114	<i>In surplus of its value</i>	202
Fetichismo da mercadoria	27	<i>Fetichismo de la mercancía</i>	115	<i>Commodity fetish</i>	203
Entre lucros e crises	28	<i>Entre lucros y crisis</i>	116	<i>Between profits and crisis</i> ...	204
Horizonte	29	<i>Horizonte</i>	117	<i>Horizon</i>	205
Categorias à vista	30	<i>Categorías a la vista</i>	118	<i>Categories in sight</i>	206
Comuna de Paris	31	<i>Comuna de París</i>	119	<i>Paris Commune</i>	207
Estrada	32	<i>Carretera</i>	120	<i>On the Road</i>	208

OUTROS POEMAS NECESSÁRIOS / *Otros poemas necesarios* / *Other necessary poems*

Bom disfarce	35	<i>Buendisfraz</i>	123	<i>Good disguise</i>	211
Sabor de relógio	36	<i>Sabor de reloj</i>	124	<i>Taste of a clock</i>	212

Culinária do saber	37	<i>Culinaria del conocimiento ..</i>	125	<i>The culinary art of knowledge ..</i>	213
Tudo que se conta	38	<i>Todo lo que se cuenta</i>	126	<i>All that is told</i>	214
Comunicado	39	<i>Comunicado</i>	127	<i>Communiqué</i>	215
Armas de luta	40	<i>Armas de lucha</i>	128	<i>Arms of struggle</i>	216
Armas de guerra	41	<i>Armas de guerra</i>	129	<i>Arms of war</i>	217
Armas de fogo	42	<i>Armas de fuego</i>	130	<i>Firearms</i>	218
Armas de sempre	43	<i>Armas de siempre</i>	131	<i>Arms as always</i>	219
Distância	44	<i>Distancia</i>	132	<i>Distance</i>	220
Discrição	45	<i>Discreción</i>	133	<i>Discretion</i>	221
Eu, tu, ele	46	<i>Yo, tú, él</i>	134	<i>Me, you, him</i>	222
Eu	47	<i>Yo</i>	135	<i>I</i>	223
Tu	48	<i>Tú</i>	136	<i>You</i>	224
Ele	49	<i>Él</i>	137	<i>He</i>	225
Parto na roça	50	<i>Nacimiento en el campo</i>	138	<i>Childbirth in the countryside</i>	226
Verso sem filhos	51	<i>Verso sin hijos</i>	139	<i>Childless verse</i>	227
Presídio	52	<i>Presidio</i>	140	<i>Jail</i>	228
Moda	53	<i>Moda</i>	141	<i>Fashion</i>	229
Foice e martelo	54	<i>Hoz y martillo</i>	142	<i>Hammer and sickle</i>	230
Futuro	55	<i>Futuro</i>	143	<i>Future</i>	231
Preto de pele	56	<i>Negro de piel</i>	144	<i>Black skin</i>	232
Samba é cria do povo	57	<i>La samba es hija del pueblo ..</i>	145	<i>Samba is the child of the people..</i>	233
Rotina de mulher	58	<i>Rutina de mujer</i>	146	<i>Women's routine</i>	234
Oito de março	59	<i>Ocho de Marzo</i>	147	<i>March 8</i>	235
Casamento	60	<i>Casamiento</i>	148	<i>Marriage</i>	236
De manhã	61	<i>Por la mañana</i>	149	<i>In the morning</i>	237
A futurista e o primitivo ...	62	<i>La futurista y el primitivo ..</i>	150	<i>The futurist and the primitive ...</i>	238
Sem eira, nem beira	64	<i>Sin piso, ni techo</i>	152	<i>No floor, no edge</i>	240
Arco-íris	65	<i>Arco iris</i>	153	<i>Rainbow</i>	241
Oamor	66	<i>El amor</i>	154	<i>Love</i>	242

Pegando no sono	67	<i>Entrando en el sueño</i>	155	<i>Falling asleep</i>	243
Soneto essencial	68	<i>Soneto esencial</i>	156	<i>Essential sonnet</i>	244
Soneto otimista	69	<i>Soneto optimista</i>	157	<i>Optimistic sonnet</i>	245
Cuba es poesía	70	<i>Cuba es poesía</i>	158	<i>Cuba is poetry</i>	246
Previsão do tempo	71	<i>Pronóstico del tiempo</i>	159	<i>Weather forecast</i>	247
Movimento Sem Terra	72	<i>Movimiento Sin Tierra</i>	160	<i>Landless Workers Movement</i> ..	248
Sem amos	73	<i>Sin dueños</i>	161	<i>Without masters</i>	249
Pressão	74	<i>Presión</i>	162	<i>Pressure</i>	250
Análise de conjuntura	75	<i>Análisis de la coyuntura</i> ...	163	<i>Analysis of the current moment</i> ..	251
Os guardanapos e o ECLA ...	76	<i>Las servilletas y el ECLA</i> ...	164	<i>Napkins and ECLA</i>	252
Ode aos repentistas	79	<i>Poetas improvisadores</i> ...	167	<i>Improvising poets</i>	255
Pra te ver	80	<i>Para verte</i>	168	<i>To see you</i>	256
Poesia	81	<i>Poesía</i>	169	<i>Poetry</i>	257

ANEXOS / ANEXOS / ATTACHMENTS

Como já dizia	85	<i>Como ya decia</i>	173	<i>As already said by</i>	261
Cronologia sumária		<i>Cronologia sumária</i>		<i>Summary chronology</i>	
de Marx	89	<i>de Marx</i>	177	<i>of Marx</i>	265

Apresentação

A ideia e os poemas deste livro surgiram a partir do curso “Introdução à leitura sistemática da obra de Marx” - curso com carga horária de 200 horas, organizado pela Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

O livro foi dividido em três partes. A primeira delas traz poemas que abordam um ponto chave ou um conjunto de ideias de 20 publicações marxianas consideradas fundamentais. A intenção é apresentar um roteiro cronológico de estudo e dicas de interpretação de tais obras. Todos estes poemas são acompanhados de um texto que contextualiza a vida de Marx e a publicação correspondente. Texto escrito pelo teórico marxista José Paulo Netto, coordenador do curso em questão.

A segunda parte deste trabalho traz poemas que ilustram temas gerais. Além de contribuir com o universo da poesia, a maioria destes “outros poemas necessários” nos permite aprofundar a reflexão proposta na primeira parte.

O terceiro e último momento do livro apresenta dois anexos. O primeiro relaciona trechos de poemas e de frases de personalidades do Brasil e de outros países. O recorte e a montagem facilitam a construção de uma linha de pensamento que justifique, por exemplo, o estudo da obra de Marx. Por fim, o segundo anexo, também feito pelo professor José Paulo Netto, traz um sumário cronológico da obra homenageada neste passeio poético.

Boa leitura, bom estudo.

*Coordenação Político-Pedagógica da Escola
Nacional Florestan Fernandes.
Guararema, novembro de 2015*

Mouro

A barbárie jogada na calçada
O jogo dos negócios no salão
Pelos cantos a miséria cifrada
E o poder de um mísero cifrão

Pela emancipação da humanidade
Gritou ao tempo um ser humano
Pelo sentido da nossa liberdade
Pensou a vida sendo humano

Cavou as dores do oprimido
Achou a história do opressor
Sonhou um sonho aguerrido
Sonhou no fundo com o amor

Karl Marx nasceu no dia 5 de maio de 1818, em Tréveris, Renânia, oeste da Alemanha. Teórico e homem de ação, pesquisador e militante, Marx (cujo apelido entre os mais próximos era Mouro) foi invocado, ao longo do século XX, por aqueles que se empenharam na crítica radical da sociedade burguesa e nos processos prático-políticos de libertação nacional, de luta anti-imperialista e de construção socialista. Intelectuais da mais diferente extração pautaram suas reflexões inspirados em Marx e milhões de homens e mulheres, jovens e velhos, nas mais diversas latitudes, protagonizaram combates e experiências em nome de suas ideias – ou de ideias a ele atribuídas, uma vez que seu legado foi objeto de múltiplas interpretações, vulgarizações, deformações etc.

A obra

Pouquíssimas horas de sono
Ao som da caneta de pena
Mais de cem volumes e tomos
Sua obra é que é um poema

Insubstituível instrumento de estudo
Que revela a sociedade analisada
Com Marx, não se compreende tudo
Sem Marx, não se compreende nada

E mais do que seu texto que desdobra
E por mais que suas ideias se discuta
O importante é o espírito da obra
O importante é de qual lado se luta

A obra de Karl Marx, pela sua significação teórica, é um marco na cultura ocidental e, pelo seu impacto sócio-histórico, tem relevância universal. Ele instaurou as bases de uma teoria da sociedade burguesa que, nucleada numa ontologia social fundada no trabalho, permanece no centro das polêmicas relativas à natureza, à estrutura e à dinâmica da sociedade em que vivemos; e a investigação a que dedicou toda a sua vida foi norteada para subsidiar a ação revolucionária dos trabalhadores, cujo objetivo - a emancipação humana – supõe a ultrapassagem da ordem social comandada pelo capital.

Inversão

Por nós, inventei um amor
Assim como os homens inventaram deus
Sim, amor, deus também é uma invenção!
Foi inventado para conduzir os corações
De quem sofre com perdas ou fracassos
De quem estende as mãos e vende os braços
Por amor aos seus

Por nós, inverti um poema
Assim como um homem inverteu uma ideia
Sim, poema, uma ideia pode ser invertida!
Se me permite mais um minuto de inversão
Não é a sociedade quem cria o Estado
E, sim, o Estado é quem cria a sociedade
Por pura desconstrução

A preocupação de Marx com o pensamento político de Hegel, fundamentalmente com a relação que o filósofo estabelecia entre Estado e sociedade civil, vinha de 1842. Mas é no segundo semestre de 1843 que Marx examina a fundo a Filosofia do direito hegeliana num manuscrito (conhecido como *Manuscrito de Kreuznach* ou, ainda, ***Crítica da filosofia do direito público de Hegel***, inédito até 1927) em que, sob a direta influência de Feuerbach (sobre a invenção de deus), desconstrói as formulações hegelianas.

Domínio

Me deito alheio ao próximo
Me cubro do direito que existe
Durmo cultuando o próprio
O dinheiro é um sonho triste

O despertador me assusta
Às cinco levanto um pão
Acordo dois dedos de café
Depois calço a condução

São quarenta e quatro horas
A semana castiga minha sina
Não tem chicote, nem feitor
É invisível o que nos domina

O periódico “Anais Franco-Alemães” conheceu apenas um número, editado em Paris, em fevereiro de 1844. Um dos textos publicados é ***Para a Questão Judaica***. Nele, Marx ensina, dentre muitas coisas, que a cisão emblemática (do que chamará de alienação) entre ser público e indivíduo, devido ao egoísmo, à necessidade prática e ao poder do dinheiro, realiza-se sob as condições da emancipação política (isto é: sem relações de dependência pessoal e com a igualdade formal de direitos) e sob o Estado político (inteiramente laico) – logo, o Estado político pode assegurar a emancipação política, mas não pode garantir a emancipação humana, que implica o fim da alienação (o poder da propriedade privada e do dinheiro) e garante a liberdade real e concreta de todos.

Desumanos

São milhares de homens e mulheres
Mocidade, senhoras e senhores
Aos montes, ribanceiras, arredores
Nas cidades, terra, mato, serra, mares

Que dão o tom pro galo cantar
Se não, um sinal pra fábrica apitar
E então, no estalo do polegar
Já estão prontos para trabalhar

Que vão pro sofá no fim do dia
Se não, pro bar esquecer o dia
E então, sem pensar sobre esse dia
Já estão prontos para outro dia

Um dos principais resultados do encontro de Marx com a Economia Política são os ***Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*** (inéditos até 1932). Neste conjunto de três manuscritos, redigidos entre abril e agosto de 1844, Marx começa a elaborar a sua concepção ontológica do homem como ser prático e social. Ele desenvolve sua reflexão situando o trabalho como a objetivação primária através da qual o homem se auto-constituiu e concebe a essência humana como estrutura radicalmente histórica, cujo aviltamento se expressa na alienação, que tem suas raízes especialmente na propriedade privada. Marx mostra como o trabalho assalariado aliena o trabalhador de si mesmo, dos outros homens e da natureza tanto quanto aliena também o capitalista. Mas a ultrapassagem da alienação só pode ser uma necessidade para os trabalhadores: a supressão da propriedade privada, com o comunismo, é o “momento da emancipação e da recuperação humanas” – o comunismo, pois, não é o fim da história, mas a forma da sociedade humana.

O todo

Não adianta distribuir a terra
E desconcentrar a propriedade
Se em cada lote não se encerra
O que é próprio da iniquidade

O prazer de valorizar a lida
Sem querer ganhar em cima
É o desejo de fazer da vida
Uma completa obra-prima

Redigido principalmente por Marx entre setembro e novembro de 1844 e publicado em fevereiro de 1845, o irônico e contundente ***A sagrada família*** ou *Crítica da crítica crítica. Contra Bruno Bauer e consortes* centra-se na crítica dos antigos “jovens hegelianos”, especialmente nas suas concepções idealistas – o livro, realmente, dá início ao balanço da filosofia pós-hegeliana que Marx e Engels desenvolveriam logo mais. Em contraposição àquelas concepções, Marx não só consolida a sua postura materialista, mas prossegue na crítica da Economia Política e na sinalização do protagonismo histórico da classe operária.

Objetivo do objeto

Depois que inventei o carro
Tive que inventar a gasolina
Por pedra no lugar do barro
Mudar os caminhos e a rotina

Recrio e faço do novo objeto
Minha razão e minha perna
Ele me leva, me governa
E vira a lei do meu trajeto

Exilado em Bruxelas (onde viveu até 1848), Marx continua estudando num ritmo assombroso (ocupa-se da Economia Política, dos “socialistas utópicos”, de demografia e da história da maquinaria, da tecnologia e do desenvolvimento bancário). Todo esse acúmulo vai subsidiar a base para dois documentos fundamentais da arquitetura da obra marxiana. O primeiro, as **Teses sobre Feuerbach**, foi redigido por Marx na primavera de 1845, permanecendo inédito até 1888, quando Engels o divulgou; as onze teses marxianas não apenas reavaliam criticamente o materialismo de Feuerbach, antes valorizado por Marx – mas nelas se funda a concepção materialista dialética que seria desenvolvida intensivamente no segundo documento, *A ideologia alemã*.

Inclusão

Fora os miseráveis de reserva
De fora, nem a palavra exclusão!
Vida e músculos de trabalho
É só vender, e mãos à produção!

Mas saibam desde já da condição:
A cortina do convívio social só abrirá
Se cada qual o seu papel realizar
Alheio ao espetáculo da exploração

Escrito por Marx e Engels entre novembro de 1845 e abril de 1846, ***A ideologia alemã*** (inédita até 1932) é muito mais que um balanço crítico da filosofia alemã pós-hegeliana: nela comparecem, pela primeira vez, explicitamente, as originais concepções teórico-metodológicas que fundarão a teoria social de Marx.

História social

Ganharam quando nasceram:
Ela, boneca; ele, carrinho
Era o que a indústria produzia
Era do comércio um carinho

Falaram quando ouviram:
Ele, “é meu”; ela, “é minha”
Era o que o consumo produzia
Era a relação que provinha

Não ouviram quando falaram:
Em nossa história individual
Produzimos a sociabilidade
Segundo a produção material

O livro ***Miséria da filosofia***, redigido em francês entre fins de 1846 e abril de 1847, sai à luz no mês de julho. Trata-se de obra polêmica, em que Marx reduz a pó a argumentação que Proudhon expendera no recém-publicado *Filosofia da miséria* (1846); entretanto, a ácida crítica marxiana (cujos lineamentos Marx resumira em carta de 28 de dezembro de 1846 a Annenkov) não se esgota na denúncia da inépcia teórica de Proudhon – na *Miséria da filosofia*, Marx avança a sua primeira análise sistemática do modo de produção capitalista: historicizando as categorias econômicas, ele oferece (assumindo-se, pela primeira vez, como “economista”) uma visão de conjunto da gênese, do desenvolvimento e das contradições desse modo de produção.

Sociedade burguesa

A natureza é transformada à força
A força produtiva se fortalece e força
A força de trabalho à organização

O mercado é criado no mundo
Os mundos ficam interdependentes e mudam
O mundo dos negócios entre cada nação

A produção é socializada com o tempo
O excedente é apropriado ao mesmo tempo
A tempo de radicalizar a contradição

A história é dinamizada pelas lutas
As lutas são entre as classes resolutas
Frente à absoluta exploração

O Estado é um poder de classe progresso
O preço do capital é o operário possesso
E o inevitável processo da revolução

Marx e Engels, eleitos para a direção central da Liga dos Comunistas, são incumbidos de redigir o seu manifesto programático – é assim que, entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848, eles se dedicam à elaboração do **Manifesto do partido comunista**. As suas propostas não partem de uma prospecção utópica de um futuro a ser construído pela dedicação eticamente generosa de uma vanguarda ilustrada, mas da análise das possibilidades concretas postas na dinâmica histórica pelo desenvolvimento real da situação presente. Por isso, o comunismo não aparece somente como a aspiração a uma sociedade “em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos”; antes, é uma possibilidade concreta que se inscreve na dinâmica da realidade: o evolver da sociedade burguesa põe objetivamente a alternativa comunista.

Permanente

Em um poema não cabe a grande burguesia
Tampouco os pequenos burgueses democratas
Não tem verso que poetize os burgueses liberais
Não há poesia nem nos pequenos burgueses republicanos
Nem nos pequenos burgueses democráticos constitucionais

Pois sabemos: independentemente da receita do cristão
A estes só interessa o seu quinhão, todos eles querem mais

Em um poema cabe o povo, com sua esperança de rotina
Cabe, sim, o camponês, com seu movimento da capina
Ao proletariado rural, um verso temperado com sal é suor
Há poesia no labor do proletariado, mesmo com a dor ao redor
E aos olhos do operário, um poema de luta é um grito libertário

Pois sabemos: independentemente do disfarce da exploração
A estes só interessa a revolução, todos devem entrar no páreo

Em março de 1850, na atividade de reconstrução da Liga dos Comunistas, Marx e Engels redigem uma **Mensagem do Comitê Central à Liga**; neste documento, extraindo lições do processo que se iniciara em 1848, discutem a relação entre a necessidade das alianças do proletariado com outras frações de classes e a sua autonomia no curso da revolução democrática – é quando formulam a teoria da revolução permanente.

Cópia de golpe

Todas as classes dão o xeque-mate
A segunda República é o arremate
Um tabuleiro provisório é organizado
E o operário no jogo é posto de lado

Na eleição pra presidente, Luís se lança
O bônus, à parte das cínicas alianças
É o engendrado voto do ingênuo camponês
Que do tio Napoleão já havia sido freguês

Banqueiros, industriais e latifundiários
Se apartam dos seus elos partidários
A burguesia do poder político abre mão
Para o seu poder econômico não ser vão

Assim, por três anos, foi Luís o presidente francês
E depois, com a burguesia despida, o déspota da vez
Tudo, como quem copiava do tio o democrático viés:
“Aqui, na pólis, hão de se curvar aos meus pés!”

Dos anos iniciais em Londres (onde vivera exilado de 1849 até o fim de seus dias), o trabalho mais expressivo de Marx é aquele que se refere ao golpe de Luís Bonaparte, de 2 de dezembro de 1851, e que desaguaria, um ano mais tarde, na restauração imperial. Muito rapidamente (pois o enviou a Nova York, onde seria publicado em maio), em fins de março de 1852, Marx escreveu ***O dezoito brumário de Luís Bonaparte*** – trata-se de um autêntico paradigma de análise de conjuntura: partindo do exame da estrutura de classes da França, Marx estuda a correlação das forças políticas no processo de 1848 e o significado do golpe, ao mesmo tempo em que desenvolve riquíssimas considerações sobre a natureza do Estado burguês e o fenômeno do bonapartismo.

Consciência

Ela sempre achou que a sua consciência
Determinava a coerência do seu ser social
Até compreender que o seu ser socializante
É o determinante da sua consciência atual

Pois na vida viu que a vida social (e suas pulsações)
Nasce das relações de produção (não de divindades)
E que o todo destas relações (envoltura dessa crônica)
Forma a estrutura econômica das sociedades

E viu que em cima dessa estrutura (pura crítica)
Forma-se uma superestrutura judicial (e política)
E que as determinadas formas de consciência (sociais)
Correspondem às estruturas reais em eminência

De julho de 1857 a março de 1858, produzirá, num trabalho insano, um plano para a obra e os manuscritos só integralmente publicados em 1939-1941 sob o título *Elementos fundamentais para a crítica da economia política. Rascunhos. 1857-1858*. Nesses manuscritos tem-se, sem dúvidas, o que Rosdolsky caracterizou como a gênese e a estrutura d'O capital – ainda que sob uma forma bruta e incompleta. A partir de alguns dos resultados parciais até aí alcançados, Marx preparou, entre agosto e novembro de 1858, o livro que publicaria em junho do ano seguinte: ***Para a crítica da Economia Política***. Afinada e polida, a exposição marxiana contém dois enxutos capítulos: no primeiro, é analisada a estrutura da mercadoria e no segundo, a do dinheiro e da circulação monetária.

Correlação

Para fazer um lápis de cor
A árvore tem que tombar
Para no chão a árvore se pôr
A motosserra tem que berrar

Se nessa motosserra há parafuso
Petróleo, plástico, metal e ferro
Para produzir esse lápis então uso
O que a motosserra usa pro berro

Sem contar o veículo que retorna
Sem contar as peças que o forma
Sem contar a roupa que me veste
Sem contar o que mais for inconteste

Para produzirmos quase tudo
De quase tudo necessitamos
Há uma cadeia de produtos
Em cada produto que criamos

Se no lápis há trabalho social
Há também no que o propicia
Isso é sempre o que há de igual
Em toda e qualquer mercadoria

Num segundo momento, entre 1861 e 1863, Marx empreendeu a redação de mais um conjunto de manuscritos, volumoso material só integralmente publicado em 1976-1982, que, na realidade, contém elementos dos vários livros *d'O capital*.

Força de trabalho

A mão de obra é uma mercadoria
O custo da mão de obra é o salário
O salário é o que você precisaria
Pra seguir o caminho do operário

O salário paga a ração que o sustenta
Paga a cachaça e a pobre vestimenta
Paga o aluguel, a luz e a água do cortiço:
O valor da mão de obra é o valor disso

Pois o que mede o valor da mercadoria
É o tempo médio do trabalho aplicado
E quanto mais forças produtivas (tecnologia)
Menos trabalho, menor o preço dado

Todas as mercadorias, em geral
São vendidas pelo seu devido valor
Pois se isso não fosse o normal
Ao comprar, perderia o vendedor

Só não é assim com a mão de obra
Vendida sempre abaixo do preço
O que o operário enganado “cobra”
Ora é metade, ora um ou dois terços

Um punhado de areia virando vidro
Um punhado de areia não deixa de ser
Já a mão de obra no processo produtivo
Vira mais do que valia ao se vender

O *tour de force* em questão – que expressa o apogeu intelectual de Marx – responde pela elaboração, entre 1863 e 1865, de um terceiro conjunto de manuscritos, menos volumoso que os dois anteriores e só publicado em 1988.

Mais do que valia

Sempre cabisbaixo, entro as oito na empresa
O que produzo até as dez paga meu salário
De dez as doze, meu suor paga as despesas
De catorze as dezoito, eu pago é de otário

Trabalho de graça metade do meu dia
O roubo do dono todo mês é mamata
O lucro não vem da venda da mercadoria
E, sim, da compra da mão de obra barata

Ao deus mercado o capitalista invoca
E faz o que não quer que caia em desuso:
Compra a mão de obra pelo valor de troca
E se apropria de todo o seu valor de uso

E se ele aumenta a jornada do trabalhador
O corpo do pobre sente, pipocam mais lutas
Então, o patrão disfarça e intensifica o labor
Cronometrando e vigiando as condutas

Não à toa as gigantes lucram sorridentes:
Em suas fábricas ou indiretamente
Possuem milhares recebendo ninharia
Cabisbaixos, propiciando a mais-valia

Nestes três conjuntos de manuscritos descritos nas páginas anteriores (conhecidos por *Grundrisse*) está em processo a investigação marxiana que descobriu, na sua riqueza e complexidade, a estrutura e a dinâmica – com suas tendências (“leis”) fundamentais – e os limites imanentes do modo de produção capitalista. Está aí o que se poderia designar como as redações provisórias da *opus magnum* inconclusa de Marx, ***O capital. Crítica da economia política***, publicado em setembro de 1867 (era somente o Livro I, centrado no processo de produção do capital).

Fetichismo da mercadoria

Nas lojas, nas galerias, nas feiras, nas mercearias
Nas padarias, nas ruas, nos camelôs, nos mercados
No natal, na páscoa, nas datas, em quantos dias
Dos pais, das mães, das crianças, dos namorados

Produzir e ter mercadorias são na vida o nosso elo
Mas organizar a sociedade em função desse modelo
É aceitar que a relação material compõe a nossa vida
E que por entre as mercadorias a relação social ecoa

Só é mercadoria se o produto circula no mercado
Trocado pelo famoso papel, à vista ou à prestação
Toda mercadoria já nasce com seu fetichismo grudado
O fetichismo é um atributo irreal que vem da alienação

Por não saber sobre os tipos de trabalho concretizado
Nem sobre o tempo exato de cada trabalho concreto
Tampouco que o trabalho social é de fato expropriado
Muito menos sobre a historicidade de cada objeto

Na simples compra e venda de qualquer mercadoria
As pessoas não pensam no que nela está oculto
Atribuindo sem consciência um valor que não havia
E se relacionando de forma mística com o produto

Como na religião: o terço, o patuá, a escultura, o brasão
São objetos para definir o destino de quem os comprou
E se aos objetos dão a vida e o poder que em si não achou
Seus donos se coisificam, viram coisas a mercê da ilusão

O Livro I, *O processo de produção do capital*, trata basicamente da relação de produção determinante do modo de produção capitalista (MPC): a exploração do trabalho assalariado pelo capital. A análise parte da “célula” do MPC, a mercadoria, expõe os efeitos da mercantilização universal das relações sociais (o fetichismo), desvela a natureza do valor, mostra a transformação do dinheiro em capital, determina a peculiaridade da mercadoria força-de-trabalho, distingue capital constante de capital variável, descobre a essência da exploração do trabalho e precisa a sua natureza no trato da mais-valia – e traz à luz a lei geral da acumulação capitalista.

Entre lucros e crises

O dinheiro é investido em nuvens
O produto no céu é produzido
A mercadoria é vendida aos ventos
E o clima é de mais dinheiro obtido

Mas se nuvens abarrotam o céu de anil
Formando o cinza da superprodução
Nada se vende, vira um mormaço vil
E o tempo fecha trovejando demissão

Anuviar o céu é movimentar o capital
Interromper este ciclo é chover a crise
Dizer que não é previsível um temporal
É tapar o sol com a peneira da análise

Dois anos após a morte de Marx, ou seja, em 1885, saiu o Livro II, cujo objeto é o processo de circulação do capital, editado por Engels (editado por Engels, mas Marx preparou o essencial). ***O processo de circulação do capital***, apreende, na análise do movimento do capital, as metamorfoses do capital e os seus ciclos; a rotação do capital e a circulação da mais-valia, a reprodução e a acumulação são examinadas do ponto de vista da circulação.

Horizonte

Bichos se devoram com uma fome irracional
Sem dó nem piedade, se abocanham crus
Enquanto a sede da humanidade for de capital
Desumanos vão sempre carregar uma cruz

Quando o bom senso for a lei da sociedade
Repor a natureza vai ser o óbvio da vida
O necessário será o prazer da dignidade
E o trabalho, uma ocupação útil e comedida

Em 1894, veio à luz o Livro III – a demora da publicação deveu-se ao estado dos materiais deixados por Marx, bastante desarticulados; por isso, neste caso, cabe dizer que Engels foi muito mais que um editor, intervindo notavelmente na sua estruturação. O Livro III, ***O processo global da produção capitalista***, culmina a análise do modo de produção capitalista: Marx estuda-o como unidade indissolúvel de produção e circulação; a vigência efetiva da lei do valor é verificada e as formas concretas do capital (inclusive a do “capital produtor de juros”) são estudadas em seu movimento; Marx também se ocupa da renda fundiária e, ainda, dos limites imanentes à produção capitalista, bem como da alternativa do “reino da liberdade”.

Categorias à vista

Sob o olhar atento do economista
Tirar o véu do sistema capitalista
É também definir e casar categorias
Para então construir e criar teorias

Sob o olhar avarento do capital
Todo tipo de trabalho assalariado
É tão produtivo, quanto privado
Se indispensável à produção material

Sob o olhar sedento da mais-valia
Todo trabalho à produção concomitante
É tão improdutivo, quanto importante
Se indiferente à fabricação da mercadoria

O Livro IV, *Uma história crítica do pensamento econômico*, veio à luz entre 1905 e 1910, sob a responsabilidade de Kautsky, numa edição bastante precária (somente nos anos 1950 foi possível contar com uma edição confiável). Este livro, o dedicado às teorias da mais-valia, para além da análise crítica do pensamento econômico (Steuart, os fisiocratas, Smith, Ricardo, Sismondi *et alii*), Marx tematiza a questão fundamental do trabalho produtivo e improdutivo.

Comuna de Paris

Pela primeira vez no plantio da história
Operários insurgentes escarificaram o tempo
Tomando das bocas burguesas o Estado
Qual fruto mofado, putrefato e fétido

E com uma faca barata de cozinha pobre
Começaram a limpá-lo, podre por podre
Elegendo uma frutífera assembleia
Com mudas e sementeiras vermelhas

Mas somente dois meses e nove dias depois
A burguesia tratorou a esperança de flores:
Trinta mil foram sangrados, irrigando Paris
Quarenta e cinco mil plantados em presídios
E quatro mil cuspidos pra fora do pomar francês

Em relação à *Comuna de Paris*, Marx não se ateu apenas aos aspectos mais salientes dessa primeira e meteórica experiência de poder operário e democracia direta: analisou-a profunda e detalhadamente, extraindo dela inferências (em especial, as relativas à questão do Estado) que avaliou como decisivas para o projeto revolucionário – e o fez na última das três Mensagens que preparou para serem emitidas pelo Conselho Geral da Internacional, entre julho de 1870 e maio de 1871. É desta mensagem, ***A guerra civil na França***.

Estrada

Quando deixarmos para trás a exploração
A qual impõe a barreira da subserviência
E bloqueia o caminho da emancipação
O trabalho não será meio de sobrevivência

Durante a travessia haverá camaradagem
Pois sendo o socialismo a ponte altiva
O Estado será desconstruído na passagem
Rumo à construção da riqueza coletiva

Por reconhecer as capacidades distintas
Os direitos serão correlatos às diferenças
Evoluirmos sob todas as perspectivas
Será a nossa razão e as nossas crenças

Quando nossa prioridade for ser humano
Homens e mulheres farão jus à humanidade
Criar a miséria não fará parte dos planos
E os trabalhos serão filhos da necessidade

Em 1875, num congresso realizado em Gotha, na Alemanha, foi criado o Partido Social-Democrata Alemão. Marx defendia a unidade das correntes socialistas e revolucionárias, desde que assentada em princípios claros e numa programática definida – mas não verificou nada disso no congresso de Gotha, vendo nele, antes, uma tática apressada e uma solução conciliadora. Diante do programa proposto no congresso, Marx redigiu umas *Glosas marginais* a ele, enviadas aos dirigentes partidários, mas só publicadas por Engels, em 1891, sob o título ***Crítica ao Programa de Gotha***. Seguramente o último texto teórico-político relevante de Marx, a *Crítica...* formula ideias sumamente importantes acerca da transição revolucionária para além do capitalismo, inclusive a distinção entre as “duas fases” da sociedade comunista.

Outros poemas necessários

Bom disfarce

O que que eu posso fazer
Se a poesia vai pelo chão?
Um verso não chama atenção
Nem se ousar abrir os braços
Nem se pular de um terraço

O que que eu posso fazer
Se a poesia sente o desprezo?
Um verso não aquece nem aceso
Nem se gritar aos quatro ventos
Nem se calar em um só canto

O que que eu posso fazer
Se a poesia hoje em dia é coisa à toa?
Um verso não retumba, não ressoa
Nem se mostrar a outra face
Nem se usar um bom disfarce

Sabor de relógio

O cheiro da leitura
Voa e se perde
Se o gosto do tempo
Tem sabor de relógio

Enquanto a labuta consumir
E cozinhar qualquer um
O aroma da poesia
Vai ser sempre não ler

Culinária do saber

Para mastigar um assunto
É bom ler e reler os alimentos
O mínimo tem que ser muito
O estudo dá sabor aos fundamentos

Para um tema engolir
É bom lidar com os cardápios
O trabalho nos faz refletir
A lida tempera os princípios

Para digerir os fatos
É bom degustar os pratos
Se não gostar, não adianta
Esquece o almoço, nem janta

Tudo que se conta

Tudo que se conta
Depende de quem diz
Depende da fonte
Do informante
Da diretriz

Tudo que se conta
Depende de quem fala
Depende do lado
Do muro
Da ala

Tudo que se conta
Depende de quem narra
Depende da vida
Da dor
Da barra

Tudo que se conta
Depende de quem berra
Depende da arma
Da trincheira
Da guerra

Tudo que se conta
Depende de quem cita
Depende do texto
Do conteúdo
Da escrita

Comunicado

Do boca a boca
Ao pombo correio
Do primeiro impresso
Ao envio por satélite

A sonda hegemônica
Antagônica e hedionda
Ronda nossa afônica
Tônica sem onda

Armas de luta

Se a luta de classes
Fosse uma luta de versos
Seria bem diferente

Avançaria quem planejasse
Poemas diversos
Para calar
Ou emocionar o oponente

Armas de guerra

Ao longo da história
Se as guerras fossem no braço
Sem pau, sem pedra
Sem pólvora, sem aço

Poucas mortes, hematomas e cansaço
Não gerariam o homem submisso

Armas de fogo

O menino ali sentado
De guerra brincando
No chão, tão bonitinho
Bombardeando a ideia
Onomatopeia
Explodindo baixinho

Não sabe e, quem sabe
Nunca saberá
Que a indústria bélica
Além de existir, prospera

Não sabe que o fogo guardado
Pronto para ser lançado adiante
É, sim, o que garante
A pompa e o barulho dos ricos
O luxo e o cheiro dos nobres
O salário e o brio dos milicos
A permanência e a rotina dos pobres

Armas de sempre

Entre prantos e dores
Antes do encontro
Entre peles de cores
Pretos, brancos
Amarelos, vermelhos
Já disputavam entre si
O território

Antes de tudo
Antes de mais nada
Possuir é cascudo
Ter é pedrada

Entre cantos e flores
Antes do encontro
Entre peles de cores
Pretos, brancos
Amarelos, vermelhos
Já coletizavam entre si
A vida

Antes de tudo
Antes de mais nada
Dividir é escudo
Compartilhar é espreitada

Distância

Um cigarro inteiro
É o luxo do mendigo

Nem a pompa do abrigo
Cabe ao barão

Discrição

O suicida não pode voar
Se jogar de um viaduto

Mas pode sob o teto bruto
Dormir e morrer aos poucos

Eu, tu, ele

Eu sei
Tu não sabes
Ele nem imagina

Eu já sabia
Tu não
Ele muito menos

Eu sempre
Tu nunca
Ele jamais

Eu

Eu sou agraciado por deus
E também devo ser por ETs
Eu sou a graça dos meus
Eu até explico a vocês

Eu sou muito bom, acima da média
Não perco tempo, sou aquele que faz
Eu tenho o dom, não baixo a rédea
Eu mereço tanto e um pouco mais

Mas se um dia um ET
O dicionário alterar
Ou deus, se quiser
Nosso idioma mudar

E a palavra “eu” for abduzida
Da vida apagada, da vida esquecida
De mim, o que será?
O que irei fazer?
Sobre o que irei falar?

Tu

Sabedoria é um dom
Que deus bom me deu
Tu és desimportante
Arrogante? Eu?

Ironia é um talento
Alento do sarcasmo
Tu respiras o marasmo
Eu sopro o movimento

Ele

Ele é o próximo
Mas não me importo
Meu peito é porto
Meu mar é ótimo

Só mais um ele é
E menos do que eu
Sou mais o que é meu
Me amar é minha fé

Parto na roça

No nascimento do menino
A mãe gritou como nunca
As três vaquinhas por perto
Mugiram como quem canta

O bode velho no capril
Berrou um berro medonho
Mas era medonho pra gente
Pois pra ele era risonho

O galo prendeu a respiração
Antes de cantar afinado
Respondendo a altura
O parto, o grito, o brado

Ao som da mulher parindo
Bem na hora do nascimento
Uma estrela veio caindo
Riscando o firmamento

Um parto esplêndido, emocionante
E uma estrela cadente bem na hora
Foram o suficiente, o bastante
Para o boca a boca mundo afora

De vila em vila ecoou a notícia
Como uma bola de neve que cresce
Descendo da montanha propícia
Morro de fé, esperança e prece

Muitos passaram a crer
Que tudo então mudaria
Outros preferiram só dizer:
Mais um parto, mais um dia

Verso sem filhos

Esse verso simples e o de baixo
De uma única noite fizeram cópula:
Nasceu esse pobre versinho aqui

O versinho cresceu e casou
Foi feliz, mas não reproduziu

Presídio

Era lindo com um ano
Como todos os bebês
Hoje, aos trinta e três
Já deixou de ser humano

Com outros mal-vindos
Vive como cão enjaulado
No inferno superlotado
De ex-bebês lindos

Moda

Seja qual for a cor do que se veste
Ou o estilo do que se estampa
Seja qual for o modelo de um corte
Ou o produto do penteado
Seja qual for a matéria do adorno
Ou a oferta do adereço

O que não sai de moda nunca
A depender do capitalismo
É a viseira de cavalo
De couro, em geral
Feita para conduzir os olhos
E direcionar os passos
Principalmente
De moças e moços

Foice e martelo

O sol pesa nas costas
E o suor empoça nos olhos
A chuva cutuca a cabeça
E o trapo encharca o corpo

O pé pede atenção
Pois a cobra é afiada
O dedo pede cuidado
Pois a máquina é feroz

O dia é puxado
A semana é mais
O mês é duro
O ano é muito

O pagamento é uma gota
O prazer é uma sombra
O cansaço é paisagem
A exploração é labirinto

Futuro

Tal e qual o ofício de cada espécie
Cada peça engrena, funciona
Tal e qual cada ser e cada vida
Cada mola empena, impulsiona

Da canoa ao avião
Da cabana ao arranha-céu
Do alto da cidade a impressão
Do chip impresso no papel

Por quanto tempo?

Quanto custa um mar sem peixe?
Quanto custa um solo sem planta?
Quanto custa um homem sem cérebro?
Quanto custa um nó na garganta?

Preto de pele

Na história da lágrima
Na chibata do tempo
Da senzala pro cortiço
Do cortiço pra favela:
Só quem é negro escuta

No alarme dos valores
No baculejo da farda
Do muro pra cadeia
Da cadeia pro caixão:
Só quem é negro sabe

Na curva do cansaço
No buraco do caminho
Do colchão pra lida
Da lida pra espera:
Só quem é negro sente

No punho da luta
No coração da ideia
Da África pro mundo
Do mundo pra todos:
Só quem é negro grita

Samba é cria do povo

Tanto bamba já falou
O samba nasceu no chão
E a fome o levantou

Tanto bamba tem falado
O samba é negro no braço
E pelos pobres foi criado

Tanto bamba já compôs
O samba cresceu nas rodas
E a sede é sua voz

Tanto bamba já exprimiu
O samba é negro na boca
E sua gente não ouviu

Tanto bamba já dizia
O samba sai às vezes
E se perde, quem diria

Tanto bamba já escreveu
O samba é negro nos pés
E de mãos atadas se vendeu

Tanto bamba tem certeza
O samba vira mercadoria
Quando brinda com a nobreza

Tanto bamba salienta
O samba é negro no corpo
E sua raiz é o que sustenta

Tanto bamba sente na pele
O samba é cria do povo
E se contradiz longe dele

Rotina de mulher

Em quantos bons poemas
A mulher já foi vista?
Por quantos versos bonitos
A mulher já passou?

Fora a dupla jornada
Fora e dentro de casa
Fora os problemas da vida
Fora e dentro do peito

A mulher ainda tem tempo
De visitar por aí, diariamente
Poesias de amor e liberdade

Oito de março

Mulher que não enfrenta
Não orienta
Não encara
Não se equipara
Não grita
Não agita
Não levanta
Não canta
Não solidariza
Não organiza
Não acusa
E não usa
A força que tem
É porque essa força
Está guardada
Numa caixa escondida
Dentro de si

Na luta feminista
Puxar, desgrudar, arrancar na mão
A pele histórica do machismo
É estar sempre alerta
É caminhar ao lado da mulher
É ajudá-la, quando preciso
A fechar o zíper nas costas
E ajeitar com um laço firme e bonito
As asas da liberdade

Casamento

Ouvindo buzinas do caos
Ou passarinhos da paz
Talvez, sempre talvez
Casar seja uma grande estupidez

Porém, qualquer desejo
De conjugar esse desafio
E deixar por um fio
Tanto o amor maior
Quanto a indiferença
É, antes de mais nada
Necessariamente cultural

Visto que a esperança de ser feliz
É sempre maior do que tudo
Mesmo quando cegos
Surdos e mudos
Por incontáveis instantes
Em uma sociedade desumana
Que amanhece o consumismo
E anoitece nos consumindo

De manhã

Meio de braços
Um pouco de lado
Um braço por baixo
Do travesseiro
O outro pousando
Posando de luta
Uma perna dobrada
Um tanto pra cima
A outra esticada
Até a ponta da cama

Meio dormindo
Um pouco acordando
Os olhos fechados
Perto da boca
O cabelo espalhado
Perto do mundo
As costas de fora
Recebe um carinho
E a coxa se mexe
Até a ponta do amor

A futurista e o primitivo

Ela voa, ele manca
Ela canta, ele ecoa
Ela aperfeiçoa, ele se ajeita
Ela se enfeita e ele se suja

Ela é coruja, ele é macaco
Ela no vácuo, ele na sombra
Ela zomba, ele ri
Ela é bi e ele é uno

Ela no rumo, ele no térreo
Ela é estéreo, ele é mono
Ela é policromo, ele é marrom
Ela no tom e ele na goela

Ela é cautela, ele é bruto
Ela é fruto, ele é raiz
Ela diz, ele ruge
Ela surge e ele chega

Ela navega, ele caminha
Ela encaminha, ele mantém
Ela é zen, ele se acalma
Ela é alma e ele é corpo

Ela é conforto, ele é lajedo
Ela é dedo, ele é braço
Ela é traço, ele é rascunho
Ela é punho e ele é unha

Ela impunha, ele impõe
Ela transpõe, ele fica
Ela medita, ele cochila
Ela ventila e ele adormece

Ela amanhece, ele levanta
Ela é mantra, ele é verso
Ela é universo, ele é céu
Ela é gel e ele é sabão

Ela é imensidão, ele é horizonte
Ela é fonte, ele transborda
Ela recorda, ele imagina
Ela é sina e ele é destino

Ela é sino, ele é badalo
Ela é halo, ele é íris
Ela é pires, ele é balde
Ela aplaude e ele palmeia

Ela borboleteia, ele encasula
Ela azula, ele cora
Ela é hora, ele é dia
Ela é melodia e ele é poema

Ela é emblema, ele é sinal
Ela é portal, ele é cancela
Ela é dela, ele é dele
Ela é ele e ele é ela

Sem eira, nem beira

Na beira da noite
Encontrei um poema
Procurando a vida
Na asa da algema

Na eira do dia
Espalhei o desejo
Separei da poesia
A sorte do ensejo

Sem eira, nem beira
Com sua voz converso
No inverso do gênero
Na morada do verso

Se me quer poesia
Serei pra você, poema
Se me quer mulher
Serei, pra você, morena

Arco-íris

Que nem tu
Ele sente
Igual a mim
Ela também
Todos idem

Os sentimentos são iguais
Basta ter pele e coração
Há milênios, talvez mais
É cultural ser e não

De corpo pra corpo
O movimento varia
De social pra social
A construção influencia
De dor pra dor
O comportamento esvazia
De sonho pra sonho
A luta alivia

O preconceito é que é nojento
A discriminação é que dá ânsia
O moralismo é asqueroso
E a maldade indigna

O amor

O amor dá uma paz
A paz dá um sono...

Pegando no sono

Amanhã ela me deu bom dia
Ontem o calor vai castigar
Hoje eu já não sabia
O que vou fazer ao meio dia
Se o sol já vai baixar
Na Baixa do Sapateiro
A luz do poste
Que rua suja
O ônibus
Vou

Soneto essencial

Quem dera um presente
Acordar e ver que a vida
Fez do que nos endivida
Um direito simplesmente

A água, o vinho, o pão
A roupa, o teto, o chão
O parto, a fralda a mais
O livro e afazeres ideais

Seria tão fácil organizar
Nossos dias e a sociedade
Sendo de todos o essencial

Bastaria de cara começar
Tirando a liberdade
De ser na vida um boçal

Soneto otimista

Falta no punho bandeira
Falta no dedo tucum
Falta ideia certa
Falta um sonho comum

Sobra no punho um nada
Sobra no dedo um “se”
Sobra ideia abobada
Sobra sonho pra si

Por nós, ninguém seria idiota
Nem por burrice ou ignorância
Nem por maldade, puro egoísmo

Pra nós, ser humano importa
Nem por vaidade ou petulância
Mas por amor, puro otimismo

Cuba es poesía

*Si una isla es poesía? Sí!
Como la fotografía del mar
Así como la palma hizo a Martí
Hacia la poesía un día mirar*

Quería folhear meu álbum de fotografia
E surpreso, como quem há muito não via
Encontrar uma foto minha de infância
Usando aquele uniforme cubano de escola:
Camisa branca, *short* vermelho
E um lenço azul amarrado na gola

(aquele uniforme é poesia)

Quería nesse mesmo álbum de fotografia
Continuar folheando, curtindo a nostalgia
E encontrar uma foto minha de adolescência
Ao lado de um muro pintado com a frase:
*“La verdadera medicina no es la que cura,
sino la que precave”*

(essa verdade é poesia)

Quería uma foto sem medo de ser assaltado
Quería uma foto sem trabalho infantil ao fundo
Quería uma foto sem analfabeto e aculturado
Quería uma foto dessas do Brasil e do mundo

(Cuba é poesia)

Previsão do tempo

Qualquer ventinho que sopra contra o capital
É contra-propagandeado, provoca intempérie
Todas as mídias possíveis se fazem vendaval
Destelhando olhos, bocas e ouvidos em série

E reviram escolas, entortando grades curriculares
Há tempos, da alfabetização ao pós-doutorado
E reviram casas, igrejas, ruas, todos os lugares
Dissimulando o sol aqui, ali e aí do seu lado

Movimento Sem Terra

Com seu pé na poeira
Com seu suor no retrato
Acampados na estrada
Na cidade e no mato
Assentados na roça
Em casinha ou palhoça
Aqui estamos de fato

Em seus olhos escrito
Em sua certidão a semente
No contra tempo estudando
Plantando o ausente
Esticando a faixa
Em mística e marcha
Aqui estamos presente

Da sua força no braço
Do seu simples vivendo
Sonhando em ver todos
Com saúde comendo
Pelo amor essencial
Enfrentando o capital
Aqui estamos fazendo

Sem amos

Descapitalizados trabalhamos
Sem seguir o apito do capital
Vivemos a vida sem amos
Amando não sucumbir ao rival

Pois em nosso relógio perseguido
Quem diz a hora somos nós
Pois em nossos braços combatidos
Quem manda é a nossa voz

Pressão

Por mais que o Estado nos policie
E sua polícia com balas e choque
Bata, prenda, mata e defende
O capital e o que vem a reboque

Sem bandeira e sem reação
Sem pressão e sem rua tomada
A mais-valia mais valeria
E um tanto seria mais descarada

Se a gente não grita, não mobiliza
O lucro dos donos seria maior
Direito seria visível igual brisa
E tempo de folga folgado igual nó

Análise de conjuntura

Descendo até os detalhes
Até as miudezas do que acontece
Fotografando de baixo
Olhando a sujeira no chão
Sentindo o cheiro da barbárie
Cortando o dia e a noite
Na espera lotada do ponto
Virando suco na ida e na volta
Dialogando com quem sofre
Trabalhando com quem pena
Coletivizando as questões
Socializando as estratégias
Batucando a solução

Subindo até as alturas
No voo reflexivo das leituras
Fotografando de cima
Ampliando a visão dos fatos
No topo das possibilidades
Na beira do acessível
Identificando as disputas
Reconhecendo as lutas
Apontando a história
Anotando o que se passa
Compondo o que passou
Matutando a insônia
Potencializando o raciocínio

É nesse movimento constante
De incessante subida e descida
Que o revolucionário fecundo
Por amor ao mundo analisa a vida

Os guardanapos e o ECLA

Pois se a vida é dura, além de breve
Os guardanapos, todos de greve
Decidiram, depois da assembleia
Conhecer o ECLA, trocar uma ideia

Ao subir as escadas, de cara a surpresa:
Sentadas bebendo, à vontade na mesa
Conversavam sorrindo a Leila Diniz
A Chiquinha, a Dina, a Pagu e a Elis

Olharam pro lado e mais um espanto:
O Che e o Fidel fumando um charuto
O Lenin e o Engels mais lá no canto
Ouvindo o Marx criticar o reduto

Os guardanapos, sem acreditar
Ficaram babando de queixo caído
Ao verem o Hugo Chávez por lá
E o Allende nada abatido

E então, o que parecia um sonho
Ficou parecendo ainda mais
Quando viram o Camilo risonho
E o Mayakovsky sério demais

Demais foi ver a Violeta tocando harpa
O Gregório Bezerra com o Chico Buarque
O Sendic, o Santucho, a Iara, o Lamarca
E o Manuel Marulanda das FARC

De braços dados a Beth Carvalho
Circulava com o Prestes e o Taiguara
Enquanto o Neruda recitava um trabalho
Pro Zeca Afonso e pro Víctor Jara

Embasbacados viram o Muhammad Ali
Com os Beatles imaginando um ringue
E a Angela Davis de prosa com o Zumbi
Com o Pancho, o Zapata e o Luther King

E viram o Mário Lago e o Gonzaguinha
Com o Vianinha molhando a goela
Ninguém escapava da cervejinha
Nem Alí Primera, nem Marighella

Também compunham o inacreditável cenário
A Frida, a Zuzu, a Rosa e a Olga Benário
Além da Maria Bonita, do Lampião
E da cubana Espín sorrindo revolução

Isso tudo em meio a bandeiras dos baluartes
MST, MPA, Cuba, Chile, Venezuela e Palestina
Fora as charges, cartazes e os estandartes
Do Saci da Bixiga e Cordão da Mentira na cortina

E de repente, nesse ambiente insubmisso
Uma voz ao microfone pediu a todos atenção
Era a Vilma pronta pra firmar o compromisso
Em seu discurso inédito até então:

“Alô, alô, gente, gente, um minutinho, por favor
Pra quem não conhece, isso aqui não é um bar!
É um Espaço Cultural Latino Americano, comunista
De resistência ao sistema político que aí está!

Aqui tem cine clube e apresentações musicais
Rodas de samba e teatro, debates e similares
O Espaço é cedido aos movimentos sociais
Partidos de esquerda e organizações populares

O bar é quem paga as contas do Espaço
Nós não temos nenhum patrocínio
O aluguel é caro, é queda de braço
E o PSIU, quase um latrocínio”

E assim, depois de aplausos de afinidade
Como se já não bastasse aquilo tudo
Os guardanapos, já menos abelhudos
Ainda tiveram outra grande oportunidade:

Conhecer o incansável camarada Claudimar
Com ele sentar pra beber e conspirar
E ficar até as seis da manhã trocando ideia
Até o último verso de qualquer epopeia

Ode aos repentistas

Quem se diz poeta e nunca foi ver
Veraz cantoria, da tradicional
De pé-de-parede ou de festival
Se passa por bobo sem nem perceber
O bom repentista, só vendo pra crer
Tem poucos segundos pra poetizar
Na métrica certa compor num piscar
No tom da viola, cantar de uma vez
O que o Zé Seacha faria num mês
Nos Dez de Galope na Beira do Mar

E se a poesia de cor sai talvez
Ter carta na manga é bom e faz parte
O bom cantador que vive tal arte
Milhões de poemas na vida já fez
Se horas cantando são duas ou três
Diz quantas estrofes você vai contar?
Se diz que metade de cor vai soar
A outra metade é só improviso
Por isso o repente aqui valorizo
Nos Dez de Galope na Beira do Mar

E sobre o difícil então sintetizo
Com esse meu verso agora me valho
Repente é o tronco, toada é o galho
De cor é garoa, na hora é granizo
Há modalidades de sobreaviso
Pois tem Sete Linhas pro canto bordar
Parcela no clima, Sextilha no ar
Mourão e Martelo, os Agalopados
E são mais de trinta os motes selados
Nos Dez de Galope na Beira do Mar

Pra te ver

Pra te ver
Eu troco minha pele
E perfume minha alma
Eu ignoro o espelho
E me enfeito com a calma

Pra te ver
Eu ajusto minha íris
E lustro a retina
Eu fecho bem os olhos
E te imagino minha sina

Pra te ver
Eu lembro do amor
E esqueço do trabalho
Eu me perco no caminho
E tropeço no assoalho

Pra te ver
Eu perdoo os meus erros
E me prometo acertar
Eu acendo um cigarro
E boto um samba pra tocar

Pra te ver
Eu rodopio na cozinha
Com uma das mãos na barriga
Eu sonho em dançar
E tento um passo à moda antiga

Pra te ver
Eu acordo antes da hora
E canto para o dia
Me divorcio do meu tempo
E me caso com você, poesia

Poesia

Poesia é uma forma de dizer
É um tipo de linguagem que não é prosa
Nem conto

Se vem da cautela ou vai de veneta
O que nos faz um bom ou mal poeta
É expressar-se dessa forma e ponto

A poesia pode muito mundo afora:
Rodopiar por dentro das metáforas
Contar as sílabas, achar a métrica
Correr por aí sem rimar
Ou brincar de tudo com a rima
Rima perfeita, imperfeita
Rima rica ou pobrinha
A poesia é uma pilha de versos
Ritmados ou não, um em cada linha

À poesia, o que importa é o conteúdo
É o porquê de ter que gestar e nascer
Tem poeta que diz pouco e diz tudo
Tem poeta que complica por querer
Tem poeta que nada em poça d'água
Dá braçada e se afoga no clichê

Quem faz poemas, por gosto e por quilo
Depende de estar vivo, não do mérito
Depende da vivência, do estado de espírito
Depende da ideia
Fazer das palavras, plateia

Quem faz poemas não depende de holofote
Depende do mote, da inspiração
Depende de uma insistente memória
Ou, em boa hora, de uma caneta na mão

Anexos

Como já dizia

Paulo Leminski:

Na luta de classes todas as armas são boas: pedras, noites, poemas.

Jose Martí:

Uma pitada de poesia é suficiente para perfumar um século inteiro.

Che Guevara:

Sonha e serás livre de espírito... luta e serás livre na vida.

Rosa Luxemburgo:

Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.

Manuel de Barros:

Quem anda no trilho é trem de ferro.
Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito.

Cecília Meireles:

Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.

Simone de Beauvoir:

Querer ser livre é também querer livres os outros.

Karl Marx:

O trabalhador só se sente junto a si (quando) fora do trabalho e fora de si (quando) no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório.

Clara Zetkin:

Estes interesses dos trabalhadores, a classe explorada e oprimida da sociedade, são os mesmos em todos os países.

Angela Davis:

O racismo, em primeiro lugar, é uma arma usada pelos ricos para aumentar os lucros, pagando menos aos trabalhadores negros por seu trabalho.

Bertolt Brecht:

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.

Florestan Fernandes:

Contra a intolerância dos ricos, a intransigência dos pobres.

Joan Baez:

A ação é o antídoto para o desespero.

Nadezhda Krupskaya:

É verdade, não há nada pior do que ser escravo de Deus, porque no que se refere às pessoas podemos ajustar as contas com elas.

José Saramago:

Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo.

Olga Benário:

Em momentos difíceis é preciso pensar em alguma coisa bonita.

Carlos Drummond de Andrade:

As dificuldades são o aço estrutural que entra na construção do caráter.

Cora Coralina:

Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Gonzaguinha:

Pessoas diferentes são irmãs
Todos os seus companheiros são iguais
Iguais e diferentes, irmãos

Violeta Parra:

Graças à vida, que me deu tanto
Me deu o riso e o pranto
Assim eu diferencio a felicidade do sofrimento
Os dois materiais que formam meu canto
E o seu canto é o mesmo que o meu
E o canto de todos é o meu próprio canto

João do Vale:

Eu vi a lavadeira pedindo sol
E o lavrador pra chover
Os dois com a mesma razão
Todos precisam viver

Zé Ketí:

Pobre não é um
Pobre é mais de cem
Muito mais de mil
Mais de um milhão

Dom Pedro Casaldáliga:

Com uma esperança inabalável
Somos derrotados de uma causa invencível.

Patativa do Assaré:

Se ser político é reclamar das injustiças, então eu sou político.

Mercedes Sosa:

É porque sou tão teimosa que ainda insisto em mudar o mundo.

(...) eu acho que o socialismo é uma doutrina totalmente triunfante no mundo. E não é paradoxo. O que é o socialismo? É o irmão-gêmeo do capitalismo, nasceram juntos, na revolução industrial. É indescritível o que era a indústria no começo. Os operários ingleses dormiam debaixo da máquina e eram acordados de madrugada com o chicote do contramestre. Isso era a indústria. Aí, começou a aparecer o socialismo. Chamo de socialismo todas as tendências que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade e ele é o criador de riquezas e não pode ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... tudo isso. Esse pessoal começou a lutar para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para as crianças. Coisas que hoje são banais. Conversando com um antigo aluno meu, que é um rapaz rico, industrial, ele disse: “o senhor não pode negar que o capitalismo tem uma face humana”. O capitalismo não tem face humana nenhuma. O capitalismo é baseado na mais-valia e no exército de reserva, como Marx definiu. É preciso ter sempre miseráveis para tirar o excesso que o capital precisar. E a mais-valia não tem limite. Marx diz na “A Ideologia Alemã”: as necessidades humanas são cumulativas e irreversíveis. Quando você anda descalço, você anda descalço. Quando você descobre a sandália, não quer mais andar descalço. Quando descobre o sapato, não quer mais a sandália. Quando descobre a meia, quer sapato com meia e por aí não tem mais fim. E o capitalismo está baseado nisso. O que se pensa que é face humana do capitalismo é o que o socialismo arrancou dele com suor, lágrimas e sangue. Hoje é normal o operário trabalhar oito horas, ter férias... tudo é conquista do socialismo. (trecho da entrevista de Antonio Cândido concedida ao Jornal Brasil de Fato, em 12/07/2011)

Cronologia sumária de Marx¹

1818 (5 de maio) – nasce em Tréveris (Renânia, Alemanha).

1835-1841 – faz estudos de direito em Bonn e Berlim. Participa do Doktorclub, relaciona-se com Bruno Bauer. Conclui os estudos universitários (filosofia) em Jena, com a dissertação ***Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro.***

1842 – colabora com a Gazeta Renana e torna-se seu redator-chefe.

1843 – demite-se da Gazeta Renana. Sob a influência de Feuerbach, critica Hegel. Vai para Paris. ***Manuscrito de Kreuznach; Para a questão judaica; Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel. Introdução.***

1844 – com Ruge, edita os Anais Franco-Alemães. Torna-se comunista, frequenta meios operários e inicia seus estudos sobre Economia Política. Rompe com Ruge e Bauer. Estabelece relações com Engels. Expulso da França por Guizot. ***Manuscritos econômico-filosóficos de 1844.***

1845 – fixa residência em Bruxelas. ****A sagrada família ou crítica da crítica crítica; Teses sobre Feuerbach.***

1846 – cria os “comitês de correspondência comunista”. Relaciona-se com dirigentes da Liga dos Justos. ****A ideologia alemã.***

1847 – passa a integrar a direção da Liga dos Comunistas. Critica Proudhon: ***Miséria da filosofia; Trabalho assalariado e capital.***

¹ Organizado por José Paulo Netto; Nesta cronologia se mencionam, em negrito, apenas alguns escritos de Marx – e aqueles redigidos em colaboração com Engels são precedidos por asterisco.

1848 – regressa à Alemanha. É um dos líderes da revolução alemã, dirige a Nova Gazeta Renana. ***Manifesto do partido comunista.**

1849 – após a derrota da revolução, exila-se na Inglaterra.

1850-1852 – fixa-se definitivamente em Londres. Participa ativamente das lutas internas da Liga dos Comunistas até sua dissolução. Deixa atividades partidárias para dedicar-se ao estudo da Economia Política. De 1848 a 1849 [reeditado e acrescido por Engels, em 1895: **As lutas de classes na França (1848-1850)**]; **O dezoito brumário de Luís Bonaparte.**

1853-1858 – prossegue seus estudos de Economia Política. Inicia sua colaboração, que se prolongará por anos, com jornais da Inglaterra, do continente e norte-americanos, familiarizando-se com questões que transcendem o mundo europeu. **Elementos fundamentais para a crítica da economia política. Rascunhos** [os manuscritos de 1857-1858, com o plano do que será O capital].

1859 – Lê com prazer a obra de Darwin, lançada neste ano, A origem das espécies. **Para a crítica da economia política.**

1860 – **O senhor Vogt.**

1861 – 1863 – pela primeira vez desde a derrota de 1848-1849, viaja à Alemanha. **Manuscritos de 1861-1863.**

1863-1865 – em 1864, volta a atividades políticas públicas: é um dos fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores. **Manuscritos de 1863-1865; Salário, preço e lucro.**

1866-1867 – dedica-se a preparar para publicação os materiais que vem elaborando desde 1857. **O capital. Crítica da economia política** [Livro I].

1868-1870 – prossegue em seus estudos de Economia Política. Participa ativamente das polêmicas no interior da Internacional.

1870-1871 – estuda materiais sobre a Rússia. No interior da Internacional, posiciona-se contra Bakunin. Proclamada a Comuna em Paris, inicia uma campanha de apoio a ela. Redige, em nome do Conselho Geral da Internacional, as três mensagens sobre a guerra franco-prusiana e sobre a Comuna (esta última republicada por Engels, em 1891, como **A guerra civil na França**).

1872-1873 – ruptura aberta com Bakunin. ***As pretensas cisões na Internacional**.

1875 – acompanha a constituição do Partido Social-Democrata Alemão e redige as Glosas marginais ao programa do Partido Operário Alemão (publicadas por Engels em 1891, sob o título **Crítica ao Programa de Gotha**).

1876-1880 – faz viagens em busca de tratamento para a saúde abalada. Aprofunda pesquisas em relação à agricultura. Estuda a questão da renda fundiária e da problemática financeira.

1881 – experimenta duro golpe pessoal: falece-lhe a mulher.

1882 – seu estado de saúde se agrava. Faz viagens em busca de cura.

1883 (14 de março) – falece em Londres e é enterrado no Cemitério de Highgate.

Paseo poético
por la obra de Marx
y otros poemas
necesarios

Presentación

La idea y los poemas de este libro surgieron del curso “Introducción a la lectura sistemática de la obra de Marx” - curso con una carga lectiva de 200 horas, organizado por la Escuela Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

El libro está dividido en tres partes. La primera contiene poemas que abordan un punto clave o un conjunto de ideas de 20 publicaciones marxianas consideradas fundamentales. La intención es presentar un guion cronológico de estudio y pistas de interpretación de estas obras. Todos estos poemas son acompañados de un texto, escrito por el teórico marxista José Paulo Netto, coordinador del curso en cuestión, que contextualiza la vida de Marx y la publicación correspondiente.

La segunda parte contiene poemas que ilustran temas generales. Además de contribuir con el universo de la poesía, la mayoría de estos “otros poemas necesarios” nos permite profundizar la reflexión propuesta en la primera parte.

El tercer y último momento del libro presenta dos anexos. El primero relaciona extractos de poemas y frases de personalidades de Brasil y de otros países. El recorte y el montaje facilitan la construcción de una línea de pensamiento para justificar, por ejemplo, el estudio de la obra de Marx. Por último, el segundo anexo, también hecho por el profesor José Paulo Netto, incluye un resumen cronológico de la obra homenajeada en este paseo poético.

Buena lectura, buen estudio.

*Coordinación Político-Pedagógica de la Escuela
Nacional Florestan Fernandes.
Guararema, noviembre de 2015*

Nota del traductor

Cuando me propusieron traducir al español un cuaderno de poesías en portugués, mi primera reacción fue la negativa, pues no hablo portugués. Cuando me comentaron que eran poesías sobre la obra de Carlos Marx, reafirmé mi negativa pues me sentía completamente inhabilitado para ello; sin embargo, cuando miré los textos en portugués y los sentí, llegó música, armonía, llegó poesía a mis oídos; pero también llegó compromiso, responsabilidad, sentido de lucha; llegaron tantas cosas (hasta una traducción literal al español); llegó mi motivación de asumir un gran desafío: no el hecho de la supuesta traducción, sino la de compartir un espacio de creación con un compañero, pues en lo adelante, el trabajo no fue de traducción, fue de compartir sentimientos, formas de decir, aprender muchas cosas, colaborar con otras, devolver al español los sentimientos reflejados en esos textos en portugués. Para avanzar, se precisó mucho diálogo, ¿Qué quieres decir? Era la palabra de orden, ¿cómo decirlo en español? Fue el desafío.

En medio del proceso, saltaron ideas, conceptos. *Con Marx, no se entiende todo / Sin Marx, no se entiende nada.* Afirmaciones. *No sirve distribuir la tierra / Y descentralizar la propiedad / Si cada lote no destierra / Lo que es propio a la iniquidad.* Compromiso de escritor. *En un poema no cabe la gran burguesía / (...)* *En un poema cabe el pueblo...* Denuncias. *Animales se devoran con hambre irracional / Sin pena ni piedad se mastican crudos / Mientras la sed de la humanidad sea de capital / Inhumanos irán siempre cargando una cruz.* Leyendo los textos, salto la vida, la que tenemos y por la que luchamos.

Como esas licencias poéticas o atribuciones sin permiso, yo quiero apropiarme de este cuaderno algunos poemas comple-

tos: Todo lo que se cuenta; Discreción; Yo, tú, él; La futurista y el primitivo; Cuba es poesía; Movimiento Sin Tierra; Las servilletas y el Espacio Cultural Latinoamericano; Para verte...

Al lector en español recomiendo alternar la lectura con la original en portugués. Este proceso hizo muy interesante el trabajo. Por ello, devolvemos al español, ideas, sentimientos, compromisos, reclamos de lucha. Doy gracias por tener una cuota de participación en este texto. Gracias Fabio.

Alcides García Carrazana

Moro

La barbarie en las calles lanzada
Los negocios jugados en palecetes
Por las esquinas la miseria cifrada
Y el poder de míseros billetes

Por la emancipación de la humanidad
Gritó al tiempo un ser humano
Por el sentido de nuestra libertad
Pensó la vida siendo humano

Cavó los dolores de los oprimidos
Encontró la historia del opresor
Soñó un sueño aguerrido
Soñó en el fondo con el amor

Karl Marx nació el 5 de mayo de 1818, en Tréveris, Renania, oeste de Alemania. Teórico y hombre de acción, investigador y militante, Marx (cuyo apodo entre los más próximos era Moro) fue invocado, durante el siglo XX, por aquellos que se empeñaron en la crítica radical a la sociedad burguesa y a los procesos práctico-políticos de liberación nacional, de lucha anti-imperialista y de construcción socialista. Intelectuales de las extracciones más diversas pautaron sus reflexiones inspirados en Marx y millones de hombres y mujeres, jóvenes y viejos, en las más diferentes latitudes, protagonizaron combates y experiencias en nombre de sus ideas – o de ideas atribuidas a él, una vez que su legado fue objeto de múltiples interpretaciones, vulgarizaciones, deformaciones, etc.

La obra

Poquísimas horas de sueño
Al son de la pluma que había
Más de cien volúmenes y tomos
Su obra, si es una poesía

Insustituible instrumento de estudio
Que revela la sociedad analizada
Con Marx, no se entiende todo
Sin Marx, no se entiende nada

Y más que el texto que se desdobra
Y por más que sus ideas se discuta
Lo importante es el espíritu de la obra
Lo importante es de que lado se lucha

La obra de Karl Marx, por su significación teórica, es un marco cultural occidental y, por su impacto socio-histórico, posee relevancia universal. Él instauró las bases de una teoría de la sociedad burguesa que, con núcleo en una ontología social fundada en el trabajo, se mantiene en el centro de las polémicas relativas a la naturaleza, a la estructura y a la dinámica de la sociedad en que vivimos; y la investigación, a la que dedicó toda su vida, fue orientada a subvencionar la acción revolucionaria de los trabajadores, cuyo objetivo - la emancipación humana - supone el ultrapasaje del orden social comandado por el capital.

Inversión

Por nosotros, inventé un amor
Así como los hombres inventaron a dios
Sí, amor, ¡Dios también es una creación!
Fue inventado para conducir los corazones
De quien sufre con pérdidas o fracasos
De quien extiende las manos y vende los brazos
Por amor a los suyos

Por nosotros, invertí un poema
Así como un hombre invirtió una idea
Sí, poema, ¡una idea se puede invertir!
Si permites un minuto más de inversión
No es la sociedad quien crea el Estado
Y, sí, el Estado quien inventa la sociedad
Por pura deconstrucción

La preocupación de Marx con el pensamiento político de Hegel, fundamentalmente con respecto a la relación que el filósofo establecía entre el Estado y la sociedad civil, existía desde 1842. Sin embargo, fue en el segundo semestre de 1843 que Marx analiza a fondo la Filosofía del derecho hegeliano en un manuscrito (conocido como *Manuscrito de Kreuznach* o ***Crítica de la filosofía del derecho de Hegel***, inédito hasta 1927) en que, bajo la influencia directa de Feuerbach (sobre la invención de dios), deconstruye las elaboraciones hegelianas.

Dominio

Me acuesto ajeno al prójimo
Me cubro con el derecho que existe
Duermo adorando lo propio
El dinero es un sueño triste

La alarma luego me asusta
A las cinco levanto un pan
Despierto dos dedos de café
Después calzo el autobús

Son cuarenta y cuatro horas
La semana castiga mi destino
No tiene látigo, ni quien golpea
Es invisible lo que nos domina

El periódico “Anales Franco-Alemanes” tuvo apenas un número, editado en París, en febrero de 1844. Uno de los textos publicados fue ***Sobre la Cuestión Judía***. En este, Marx enseña, entre muchas cosas, que la división emblemática (que él llamará de alienación) entre ser público y individuo, debido al egoísmo, a la necesidad práctica y al poder del dinero, ocurre bajo las condiciones de la emancipación política (significa: sin relaciones de dependencia personal y con la igualdad formal de derechos) y bajo el Estado político (totalmente laico) – luego, el Estado político puede asegurar la emancipación política, pero no puede garantizar la emancipación humana, que implica el fin de la alienación (el poder de la propiedad privada y del dinero) y asegura la libertad real y concreta para todos los seres humanos.

Inhumanos

Miles de hombres y mujeres
Jóvenes, señoras y señores
En las montañas, valles y alrededores
En las ciudades, selva, sierra, mares

Dan el tono para el gallo cantar
O la señal para la fábrica pitar
Y con el chasquido del pulgar
Ya todos listos a trabajar

Van para el sofá al fin del día
O al bar a olvidar el día
Y sin pensar en ese día
Ya todos listos para otro día

Uno de los principales resultados del encuentro de Marx con la Economía Política son los ***Manuscritos económico-filosóficos de 1844*** (inéditos hasta 1932). En este conjunto de tres manuscritos, escritos entre abril y agosto de 1844, Marx empieza a construir su concepción ontológica del ser humano como ser práctico y social. Él desarrolla su reflexión situando el trabajo con la objetivación primaria a través de la cual el ser humano se auto-constituye y concibe la esencia humana como estructura radicalmente histórica, cuyo rebajamiento se expresa en la alienación, que tiene sus raíces especialmente en la propiedad privada. Marx muestra como el trabajo asalariado aliena al trabajador de sí mismo, de las demás personas y de la naturaleza tanto cuanto aliena también al capitalista. Sin embargo, la superación de la alienación solo puede ser una necesidad para los trabajadores: la supresión de la propiedad privada, con el comunismo, es el “momento de la emancipación y de la recuperación humanas” – el comunismo, pues, no es el fin de la historia, sino la forma de la sociedad humana.

El todo

No sirve distribuir la tierra
Y descentralizar la propiedad
Si cada lote no destierra
Lo que es propio a la iniquidad

El placer de valorar el trabajo
Sin imponer castigo encima
Es el deseo de hacer de la vida
Una completa *opera prima*

Escrito principalmente por Marx, entre septiembre y noviembre de 1844 y publicado en febrero de 1845, el irónico y contundente ***La sagrada familia*** o *Crítica de la crítica crítica. Contra Bruno Bauer y consortes* enfatiza en la crítica de los antiguos “jóvenes hegelianos”, especialmente en las concepciones idealistas - el libro, realmente, da inicio al balance de la filosofía pos-hegeliana que Marx y Engels desarrollarían a continuación. En contraposición a aquellas concepciones, Marx no solo consolida su postura materialista, sino que prosigue en la crítica de la Economía Política y en la señalización del protagonismo histórico de la clase operaria.

Objetivo del objeto

Después que inventé el carro
Tuve que inventar la gasolina
Poner piedra en lugar de barro
Cambiar los caminos y la rutina

Reinvento y hago del nuevo objeto
Mi razón y mi pierna
Él me lleva, me gobierna
Se convierte en ley de mi trayecto

Exiliado en Bruselas (donde vivió hasta 1848), Marx continúa estudiando en un ritmo asombroso (se ocupa de la Economía Política, de los “socialistas utópicos”, de demografía y de la historia de las maquinarias, de la tecnología y del desarrollo bancario). Todo ese acumulo subvencionará la base para dos documentos fundamentales de la arquitectura de la obra marxiana. El primero, las **Tesis sobre Feuerbach**, fue escrito por Marx en la primavera de 1845, permaneciendo inédito hasta 1888, cuando Engels lo divulgó; las once tesis marxianas no a penas reexaminaban críticamente el materialismo de Feuerbach, antes valorizado por Marx – sino en ellas se funda la concepción materialista dialéctica que sería desarrollada intensivamente en el segundo documento, *La ideología alemana*.

Inclusión

Queden fuera los miserables de reserva
Vengan todos, hasta la palabra exclusión
Vender sus vidas para el trabajo importa
Y manos a la producción

Pero sepan desde ya la condición:
La cortina de la convivencia social sólo abrirá
Si cada actor hace su papel sin reclamar
Y ajeno al espectáculo de la explotación

Escrito por Marx y Engels entre noviembre de 1845 y abril de 1846, ***La ideología alemana*** (inédita hasta 1932) es mucho más que un balance crítico de la filosofía alemana pos-hegeliana: en ella aparecen, por primera vez, explícitamente las concepciones originales teórico-metodológicas que fundarán la teoría social de Marx.

Historia social

Ganaron cuando nacieron:
Ella, muñeca; él, carrito
Era lo que producía la industria
Era del comercio un cariño

Hablaron cuando escucharon:
Él, “es mío”; ella, “es mía”
Era lo que producía el consumo
Era la relación que nacía

No escucharon cuando hablaron:
En nuestra historia individual
Producimos la sociabilidad
De acuerdo con la producción material

El libro ***Miseria de la filosofía***, escrito en francés a fines de 1846 hasta abril de 1847, sale a la luz en el mes de julio. Se trata de una obra polémica, en que Marx reduce a cenizas la argumentación que Proudhon expone en el recién publicado *Filosofía de la miseria* (1846); no obstante, la ácida crítica marxiana (cuyos lineamientos Marx resumirá en carta de 28 de diciembre de 1846 a Annenkov) no se agota en la denuncia de la inepticia teórica de Proudhon – en *Miseria de la filosofía*, Marx avanza en su primer análisis sistemática del modo de producción capitalista revelando la cualidad histórica de las categorías económicas, él ofrece (asumiéndose por primera vez como “economista”) una visión de conjunto de la génesis, del desarrollo y de las contradicciones de ese modo de producción.

La sociedad burguesa

La naturaleza es transformada a la fuerza
La fuerza productiva se fortalece y obliga
La fuerza de trabajo a la organización

El mercado en el mundo es creado
Los mundos son interdependientes y cambian
El mundo de los negocios de cada nación

La producción es socializada con el tiempo
El excedente es apropiado al mismo tiempo
En tiempo de radicalizar la contradicción

La historia se mueve por las luchas
Las luchas son entre las clases resueltas
Frente a la absoluta explotación

El Estado es un poder de clase precedente
El precio del capital es el trabajador en proceso
Y el proceso inevitable de la revolución

Marx y Engels, electos para la dirección central de la Liga de los Comunistas, son designados para escribir su manifiesto programático – es así que, entre diciembre de 1847 y enero de 1848, ellos se dedican a la elaboración del ***Manifiesto del partido comunista***. Sus propuestas no parten de una prospección utópica de un futuro a ser construido pela dedicación éticamente generosa de una vanguardia ilustrada, sino del análisis de las posibilidades concretas puestas en la dinámica histórica por el desarrollo real de la situación presente. Por eso, el comunismo no aparece solamente como la aspiración a una sociedad “en lque el libre desarrollo de cada uno es la condición para el libre desarrollo de todos”; antes, es una posibilidad concreta que se inscribe en la dinámica de la realidad: la evolución de la sociedad burguesa pone objetivamente la alternativa comunista.

Permanentemente

En un poema no cabe la gran burguesía
Tampoco la pequeña burguesía demócrata
No existe verso que poetice la burguesía liberal
No hay poesía ni en la pequeña burguesía republicana
Ni en la pequeña burguesía demócrata constitucional

Porque sabemos: independientemente de la receta del cristiano
Para estos sólo interesa su porción, todos quieren más capital

En un poema cabe el pueblo, con su esperanza de rutina
Cabe, sí, el campesino, con su movimiento a labrar
Al proletariado rural, un verso condimentado con sal es sudor
Hay poesía en la labor del proletariado, con el dolor alrededor
Y a los ojos de los obreros, un poema de lucha es un grito libertario

Porque sabemos: independientemente del disfraz de la explotación
Para estos sólo interesa la revolución, todo deben entrar en la pelea

En marzo de 1850, en la actividad de reconstrucción de la Liga Comunista, Marx e Engels escriben un **Mensaje del Comité Central a la Liga**; en este documento, extrayendo lecciones del proceso que se iniciara en 1848, discuten la relación entre la necesidad de las alianzas del proletariado con otras fracciones de clases y su autonomía en el curso de la revolución democrática – es cuando formulan la teoría de la revolución permanente.

Copia de golpe

Todas las clases dan jaque mate
La segunda República es el remate
Un tablero provisional es organizado
Y en el juego el obrero lo dejan de lado

En las elecciones presidenciales, Luis se lanza
El bono, aparte de las cínicas alianzas
Es el voto planeado del campesino inocente
Que del tío Napoleón ya había sido cliente

Banqueros, industriales y latifundistas
Se apartan de sus vínculos partidarios
El poder político la burguesía ha entregado
Para su poder económico ser preservado

Así, por tres años, Luis fue el presidente francés
Y después, con la burguesía desnuda, el déspota de la vez
Todo, como quien copiaba del tío el democrático interés:
“Aquí, en la polis, han de inclinarse a mis pies!”

De sus primeros años en Londres (donde viviría exiliado desde 1849 hasta sus últimos días), el trabajo más expresivo de Marx es aquél a respecto del golpe de Luis Bonaparte, de 2 de diciembre de 1851, y que desaguaría un año más tarde, en la restauración imperial. Muy rápidamente (pues lo envió a Nueva York, donde sería publicado en mayo), a fines de marzo de 1852, Marx escribió ***El dieciocho de brumario de Luis Bonaparte*** – se trata de un auténtico paradigma de análisis de coyuntura: partiendo del análisis de la estructura de clases de Francia, Marx estudia la correlación de las fuerzas políticas en el proceso de 1848 y el significado del golpe, al mismo tiempo en que desarrolla consideraciones muy ricas sobre la naturaleza del Estado burgués y el fenómeno del bonaportismo.

Consciencia

Ella siempre pensó que su consciencia
Determinaba la coherencia de su ser social
Hasta entender que su ser socializador
Es el determinante de su consciencia actual

Porque en la vida vio que la vida social (y sus pulsaciones)
Nace de las relaciones de producción (no de deidades)
Y que estas relaciones (envoltura de esta crónica)
Forman la estructura económica de las sociedades

Y vio que arriba de esta estructura (la pura crítica)
Se forma una superestructura judicial (y política)
Y que las determinadas formas de consciencia (sociales)
Corresponden a las estructuras reales en eminencia

De julio de 1857 a marzo de 1858, produciré, en un trabajo insano, un plan para la obra y los manuscritos publicados integralmente solo en 1939-1941 bajo el título de *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. Borrador. 1857-1858*. En esos manuscritos están, sin duda, lo que Rosdolsky caracterizó como el génesis y la estructura de *El capital* – aún bajo una forma bruta e incompleta. A partir de algunos resultados parciales alcanzados hasta el momento, Marx preparó, entre agosto y noviembre de 1858, el libro que publicaría en junio del año siguiente: ***Para la crítica de la Economía Política***. Afinada y pulida, la exposición marxiana contiene dos delgados capítulos: en el primero, es analizada la estructura de la mercancía y en el segundo, la del dinero y de la circulación monetaria.

Correlación

Para hacer un lápiz de color
El árbol tiene que derribar
Para el árbol en el suelo caer
La motosierra tiene que gritar

Si en esta motosierra hay hierro
Petróleo, plástico y metal
Para producir el lápiz yo uso
Lo que a la motosierra es vital

Sin contar el vehículo que retorna
Sin contar las piezas que lo forma
Sin contar la ropa imprescindible
Sin contar lo que sea indiscutible

Para producir casi todo
De casi todo necesitamos
Hay una cadena de productos
En cada producto que creamos

Si en el lápiz hay trabajo social
Hay también en lo que lo propicia
Eso es siempre lo que es igual
En toda y cualquier mercancía

En un segundo momento, entre 1861 y 1863, Marx emprendió la redacción de un conjunto más de manuscritos, material voluminoso que solo fue publicado integralmente entre 1976-1982, que, realmente, contiene elementos de los varios libros de *El capital*.

Fuerza de trabajo

La mano de obra es una mercancía
El costo de la mano de obra es el salario
El salario es lo que usted necesitaría
Para seguir el camino del proletario

El salario paga la ración que lo nutre, y confieso
Que paga el aguardiente y la ropa desgraciada
Paga el alquiler, la luz y el agua de la morada:
El valor de la mano de obra, es el valor de eso

Pues lo que mide el valor de la mercancía
Es el tiempo medio del trabajo aplicado
Y cuanto más fuerzas productivas (tecnología)
Menos trabajo, menor es el precio dado

Todas las mercancías, en general
Son vendidas por su debido valor
Pues si eso no fuese normal
En la compra, perdería el vendedor

Sólo no es así con la mano de obra
Vendida siempre por el menor de sus precios
Lo que el obrero engañado “cobra”
A veces es el medio, a veces uno o dos tercios

Un puñado de arena convirtiéndose en vidrio
Un puñado de arena no deja de ser
Pero la mano de obra en el proceso productivo
Se convierte en más de lo que valía al venderse

El *tour de force* en cuestión – que expresa el apogeo intelectual de Marx – corresponde a la elaboración, entre 1863 y 1865, de un tercer manuscrito, menos voluminoso que los dos anteriores, publicado solamente en 1988.

Más de lo que valía

Siempre cabizbajo, entro a las ocho a la empresa
Lo que produzco hasta las diez paga mi monto
De diez hasta las doce, mi sudor paga los gastos
De catorce a dieciocho, yo me hago el tonto

Trabajo gratis la mitad de mi día
El robo del dueño para él es una bachata
El lucro no proviene de la venta de la mercancía
Y, sí, de la compra de la mano de obra barata

Al Dios Mercado el capitalista invoca
Y hace de todo para que no caiga en desuso:
Compra la mano de obra por su valor de cambio
Y se apropia de todo su valor de uso

Y si aumenta la jornada al trabajador
El cuerpo del pobre sufre, surgen más luchas
Entonces, el patrón disfraza e intensifica la labor
Cronometrando y vigilando las conductas

Por eso los gigantes lucran sonrientes:
En sus fábricas o indirectamente
Poseen miles recibiendo poca cuantía
Cabizbajos, propiciando la plusvalía

En esos tres conjuntos de manuscritos descritos en las páginas anteriores (conocidos por Grundrisse) está el proceso de la investigación marxiana que descubrió, en su riqueza y complejidad, la estructura y la dinámica – con sus tendencias (“leyes”) fundamentales – y los límites inmanentes del modo de producción capitalista. Está ahí lo que podría ser designado como las redacciones provisionarias de la opus magnum (obra maestra) inconclusa de Marx, ***El capital. Crítica de la economía política***, publicado en septiembre de 1867 (solamente el Libro I, centrado en el proceso de producción del capital).

Fetichismo de la mercancía

En las tiendas, ferias, comercios y ferreterías
En las calles, canasteros, mercados y panaderías
En cuantas fechas, navidad, pascua, en todos los años
En cuantos días, padres, madres, novios y cumpleaños

Producir y tener mercancías en la vida es nuestro eslabón
Pero organizar la sociedad sobre un modelo igual
Es aceptar que la relación material compone nuestra canción
Y que entre las mercancías resuena la relación social

Sólo es mercancía si el producto circula en el mercado
Cambiado por el famoso papel, en efectivo o en fracción
Toda mercancía nace con su fetichismo pegado
El fetichismo es un atributo irreal que viene de la alienación

Por no saber los tipos de trabajo materializado
Tampoco sobre el momento de cada trabajo concreto
Tampoco que el trabajo social es en realidad expropiado
Mucho menos de la historicidad de cada objeto

En una simple compra y venta de cualquier mercancía
La gente no piensa acerca de lo que está oculto
Atribuyendo sin conciencia un valor que no había
Y relacionándose de forma mística con el producto

Como en la religión: el tercio, el amuleto, la escultura, el blasón
Son objetos para definir el destino de quien los compró
Y si a los objetos dan la vida y el poder que en sí no encontró
Sus dueños se convierten en cosas a merced de la ilusión

El Libro I, *El proceso de producción del capital*, trata básicamente de la relación de producción determinante del modo de producción capitalista (MPC): la explotación del trabajo asalariado por el capital. El análisis parte de la "célula" del MPC, la mercancía, expone los efectos de la mercantilización universal de las relaciones sociales (el fetichismo), revela la naturaleza del valor, muestra la transformación del dinero en capital, determina la peculiaridad de la mercancía fuerza de trabajo, distingue capital constante de capital variable, descubre la esencia de la explotación del trabajo y especifica su naturaleza en el trato de la plusvalía – y trae a luz la ley general de la acumulación capitalista.

Entre lucros y crisis

El dinero se invierte en nubes
En el cielo el producto es producido
La mercancía se vende a los vientos
Y el clima es de más dinero obtenido

Pero si las nubes abarrotan el cielo de añil
Formando el gris de la sobreproducción
Nada se vende, se convierte en bochorno vil
Y el tiempo se cierra tronando dimisión

Llenar de nubes el cielo es mover el capital
Interrumpir este ciclo es llover las crisis
Decir que no es previsible un temporal
Es tapar el sol con un dedo sin análisis

En 1885, dos años después de la muerte de Marx, salió el Libro II, cuyo objeto es el proceso de circulación del capital, editado por Engels (sin embargo Marx preparó lo esencial). ***El proceso de circulación del capital***, aprehende, en el análisis del movimiento del capital, las metamorfosis del capital y sus ciclos; la rotación del capital y la circulación de la plusvalía, la reproducción y la acumulación son examinadas del punto de vista de la circulación.

Horizonte

Animales se devoran con hambre irracional
Sin pena ni piedad se mastican crudos
Mientras la sed de la humanidad sea de capital
Inhumanos irán siempre cargando una cruz

Cuando la sensatez sea la ley de la sociedad
Reponer la naturaleza en la vida será lo evidente
El necesario será el placer de la dignidad
Y el trabajo, una ocupación útil y prudente

En 1894, apareció el Libro III – el retraso de publicación fue por causa del estado de los materiales dejados por Marx, bastante desarticulados; por eso, en este caso, cabe decir que Engels fue mucho más que un editor, interviniendo notablemente es su estructuración. El Libro III, ***El proceso global de la producción capitalista***, culmina el análisis del modo de producción capitalista: Marx lo estudia como unidad indisoluble de producción y circulación; la vigencia efectiva de la ley del valor es verificada y las formas concretas del capital (incluso la del “capital productor de intereses”) son estudiadas en su movimiento; Marx también se ocupa de la renta de la tierra y, aún, de los límites inmanentes a la producción capitalista, bien como de la alternativa del “reino de la libertad”.

Categorías a la vista

Bajo la mirada atenta del economista
Retirar el velo del sistema capitalista
Es también definir y casar categorías
Para entonces construir y crear teorías

Bajo la mirada tacaña del capital
Todo tipo de trabajo asalariado
Es tan productivo, cuanto privado
Si fuera indispensable a la producción material

Bajo la mirada sedienta de la plusvalía
Todo trabajo a la producción concomitante
Es tan improductivo, cuanto importante
Si fuera indiferente a la fabricación de la mercancía

El Libro IV, *Una historia crítica del pensamiento económico*, surgió (públicamente) entre 1905 y 1910, bajo la responsabilidad de Kautsky, en una edición bastante precaria (solamente en los años 1950 fue posible contar con una edición confiable). Este libro, es dedicado a las teorías de la plusvalía, más allá del análisis crítico del pensamiento económico (Steuart, los fisiócratas, Smith, Ricardo, Sismondi et alii), Marx tematiza la cuestión fundamental del trabajo productivo e improductivo.

Comuna de París

Por primera vez en la plantación de la historia
Trabajadores insurgentes escarificaron el tiempo
Tomando de las bocas burguesas el Estado
Cual fruto mohoso, podrido y fétido

Y con un cuchillo barato de cocina pobre
Comenzaran a limpiar, podrido por podrido
Elijiendo una fructífera asamblea
Con plantones y semilleros rojos

Pero sólo dos meses y nueve días más tarde
La burguesía destruyó la esperanza de flores:
Treinta mil fueran sangrados, regando París
Cuarenta y cinco mil plantados en las cárceles
Y cuatro mil escupidos para fuera del vergel francés

En relación a la *Comuna de París*, Marx no se detuvo a penas en los aspectos más sobresalientes de esa primera y meteórica experiencia de poder operario y democracia directa: la analizó profunda y detalladamente, extrayendo de ella inferencias (en especial, las relativas a la cuestión del Estado) que evaluó como decisivas para el proyecto revolucionario —y lo hizo en el último de los tres Mensajes que preparó para ser emitidos por el Consejo General de la Internacional, entre julio de 1870 y mayo de 1871. Es de este mensaje, ***La guerra civil en Francia.***

Carretera

Cuando dejemos atrás la explotación
Que impone la barrera de la obediencia
Y bloquea el camino de la emancipación
El trabajo no será un medio de supervivencia

Durante la travesía habrá camaradería
Pues siendo el socialismo el puente altiva
El Estado será deconstruido en el pasaje
Rumbo la construcción de la riqueza colectiva

Por reconocer las capacidades distintas
Los derechos serán equivalentes a las diferencias
Evolucionar desde todas las perspectivas
Será nuestra razón y nuestras creencias

Cuando nuestra prioridad sea el ser humano
Los hombres y mujeres honrarán la humanidad
Crear la miseria no hará parte del plan
Y los trabajos serán hijos de la necesidad

En 1875, en un congreso realizado en Gotha, Alemania, fue creado el Partido Social-Demócrata Alemán. Marx defendía la unidad de las corrientes socialistas y revolucionarias, desde que fundada en principios claros y en un programa definido – pero no verificó nada de eso en el congreso de Gotha, viendo en este, antes, una táctica apresurada y una solución conciliadora. Frente al programa propuesto en el congreso, Marx escribió unas *Glosas marginales* a este, enviadas a los dirigentes partidarios, sin embargo solo fueron publicadas por Engels, en 1891, con el título de ***Crítica del Programa de Gotha***. Sin duda el último texto teórico-político relevante de Marx, la *Crítica...* formula ideas extremadamente importantes sobre la transición revolucionaria más allá del capitalismo, incluso la distinción entre “dos fases” de la sociedad comunista.

Otros poemas necesarios

Buen disfraz

¿Qué puedo hacer
Si la poesía se va por el suelo?
Un verso no llama la atención
Ni si atreverse a abrir los brazos
Tampoco si saltar de un predio

¿Qué puedo hacer
Si la poesía siente el desdén?
Un verso no calienta ni encendido
Ni si gritar a los cuatro vientos
Tampoco silenciado en sólo un canto

¿Qué puedo hacer
Si la poesía hoy es algo vano?
Un verso no retumba, no hace eco
Ni si mostrar la otra faz
Tampoco si usar un buen disfraz

Sabor de reloj

El olor de la lectura
Vuela y se pierde
Si el sabor del tiempo
Sabe a reloj

Mientras la faena exprime
Y cocina a quien sea
El aroma de la poesía
Siempre será no leer

Culinaria del conocimiento

Para masticar un asunto
Es bueno leer y releer los alimentos
El mínimo tiene que ser mucho
El estudio da sabor a los fundamentos

Para un tema tragar
Es bueno ocuparse con los menús
El trabajo nos hace reflexionar
El labor sazona los principios

Para digerir los hechos
Es bueno los platos degustar
Si no te gusta, no sirve
Olvida el almuerzo, ni va cenar

Todo lo que se cuenta

Todo lo que se cuenta
Depende de quien deriva
Depende de la fuente
Del informante
De la directiva

Todo lo que se cuenta
Depende de quien narra
Depende de la vida
Del dolor
De la amarra

Todo lo que se cuenta
Depende de quien susurra
Depende del lado
Del muro
De la postura

Todo lo que se cuenta
Depende de quien berrea
Depende del arma
De la trinchera
De la pelea

Todo lo que se cuenta
Depende de un contexto
Depende de lo escrito
Del contenido
Del texto

Comunicado

Desde el boca a boca
A la paloma mensajera
Desde el primero impreso
Al envío por satélite

La sonda hegemónica
Antagónica y hedionda
Ronda nuestra afónica
Tónica sin onda

Armas de lucha

Si la lucha de clases
Fuese una lucha de versos
Sería muy diferente

Avanzaría quien planease
Poemas diversos
Para silenciar
O emocionar al oponente

Armas de guerra

Al largo de la historia
Si las guerras fuesen con el brazo
Sin palo, sin piedra
Sin acero, sin balazo

Pocas muertes, moretones y cansancio
No generarían el hombre sumiso

Armas de fuego

El niño allí sentado
De guerra jugando
En suelo, tan gracioso
Bombardeando la idea
Onomatopeya
Explotando bajito

No sabe y, quien sabe
Nunca sabrá
Que la industria bélica
Además de que existe, prospera

No sabe que el fuego guardado
Listo para ser lanzado adelante
Es, sí, lo que garantiza
La ostentación y el ruido de los ricos
El lujo y el olor de los nobles
El salario y el orgullo de los militares
La permanencia y la rutina de los pobres

Armas de siempre

Entre llantos y dolores
Antes del encuentro
Entre pieles de colores
Negros, blancos
Amarillos, rojos
Ya disputaban entre sí
El territorio

Antes de todo
Antes de nada
Poseer es coscorrón
Tener es pedrada

Entre cantos y flores
Antes del encuentro
Entre pieles de colores
Negros, blancos
Amarillos, rojos
Ya colectivizaban entre sí
La vida

Antes de todo
Antes nada
Dividir es escudo
Compartir es acechada

Distancia

Un cigarrillo por entero
Es el lujo del mendigo

Ni la opulencia de la residencia
Cabe en un millonario

Discreción

Un suicida no puede volar
Lanzarse de un viaducto

Pero puede bajo el techo bruto
Dormir y morir poco a poco

Yo, tú, él

Yo sé
Tú no sabes
Él ni imagina

Yo ya sabía
Tú no
Él tampoco

Yo siempre
Tú nunca
Él jamás

Yo

Yo soy contemplado por dios
Y debo ser por extraterrestres
Yo soy la gracia de los míos
Yo incluso explico a ustedes

Yo soy demasiado bueno
Yo soy impresionante, tu verás
Yo tengo el don, yo trabajo, pleno
Yo merezco mucho y un poco más

Pero si un día un extraterrestre
El diccionario cambiar
O dios, si quisiere
Nuestro idioma innovar

Y la palabra “yo” fuere abducida
De la vida borrada, de la vida olvidada
¿De mi, qué será?
¿Qué haré?
¿De qué voy a hablar?

Tú

La sabiduría es un don
Que dios bueno me dio
Tu eres poco importante
¿Arrogante? ¿Yo?

La ironía es un talento
Aliento del sarcasmo
Tú respiras el marasmo
Yo soplo el movimiento

ÉI

ÉI es el próximo
Pero no me importa
Mi pecho es puerto
Mi mar es óptimo

ÉI es solamente uno más
Y menos que yo, evidentemente
Yo prefiero siempre lo que es mío
Mi fe es amarme fielmente

Nacimiento en el campo

En el nacimiento del niño
La madre lloró como nunca
Las tres vaquillas alrededor
Mugieron como quien canta

El viejo carnero en el corral
Gritó un grito horroroso
Pero era horrible para nosotros
Pues para él era guarachoso

El gallo aguantó la respiración
Antes de cantar afinado
Contestando por igual
El parto, el grito, el voceado

Al sonido de la mujer pariendo
En el momento del nacimiento
Una estrella venía cayendo
Arriesgando el firmamento

Uno parto espléndido, emocionante
Y una estrela fugaz justo en la hora
Fueran lo suficiente, lo bastante
Para el boca a boca mundo afuera

De pueblo en pueblo, hizo eco la noticia
Como una bola de nieve que crece
Bajando de la montaña propicia
Colina de fe, esperanza y preces

Muchos empezaran a creer
Que todo entonces cambiaría
Otros prefirieron sólo decir:
Mas un parto, mas un día

Verso sin hijos

Este sencillo verso y el inferior
De una sola noche hicieron cópula:
Nació este pobre versito aquí

El versito creció y casó
Fue feliz, pero no reprodujo

Presidio

Era lindo con un año
Igual que todos los bebés
Hoy, a los treinta y tres
Dejó de ser humano

Con otros no bienvenidos
Vive como perro enjaulado
En el infierno apiñado
De ex bebés lindos

Moda

Sea cual sea el color de la ropa
O el estilo de la impresión
Sea cual sea el modelo de un corte
O el producto del peinado
Sea cual sea la materia del adorno
O la oferta del afeitte

Lo que no pasa de moda nunca
Dependiendo del capitalismo
Es la visera de caballo
De cuero, en general
Hecho para conducir los ojos
Y dar la dirección a los pasos
Principalmente
A las mozas y mozos

Hoz y martillo

El sol pesa en la espalda
Y el sudor empoza en los ojos
La lluvia rebota en la cabeza
Y el andrajo enchumba el cuerpo

El pie pide atención
Pues la serpiente es aguzada
El dedo exige cuidado
Pues la máquina es feroz

El día es difícil
La semana es más
El mes es duro
El año es mucho

El pago es una gota
El placer es una sombra
El cansancio es paisaje
La explotación es laberinto

Futuro

Como el oficio de cada especie
Cada pieza engrana, funciona
Como cada ser y cada vida
Cada resorte se encoge, impulsa

Desde una canoa a un avión
Desde una choza a un rascacielos
Arriba de la ciudad la impresión
Del chip impreso en el suelo

¿Por cuánto tiempo?

¿Cuánto cuesta un mar sin pescado?
¿Cuánto cuesta un piso sin plantas?
¿Cuánto cuesta un hombre sin cerebro?
¿Cuánto cuesta un nudo en la garganta?

Negro de piel

En la historia de la lágrima
En el látigo del tiempo
De las barracas para las chabolas
De las chabolas para las barriadas:
Sólo quien es negro escucha

En la alarma de los valores
En la requisa del uniforme
De la pared para la cárcel
De la cárcel para el féretro:
Sólo quien es negro sabe

En la curva de la fatiga
En el agujero del camino
Del colchón para la jornada
De la jornada para la espera:
Sólo quien es negro siente

En el puño de la lucha
En el corazón de la idea
De África para el mundo
De el mundo para todos:
Sólo quien es negro grita

La samba es hija del pueblo

Tanto *sambista* ya habló
La samba nació en el suelo
Y el hambre la levantó

Tanto *sambista* siempre relata
La samba es negra en el brazo
Y por los pobres fue criada

Tanto *sambista* nos cuenta
La samba creció en las ruedas
Y la sed es tu voz ronca

Tanto *sambista* ya expresó
La samba es negra en la boca
Y su pueblo no escuchó

Tanto *sambista* ya decía
La samba sale a veces
Y se pierde, quien diría

Tanto *sambista* ya cantó
La samba es negra en los pies
Y con las manos atadas se vendió

Tanto *sambista* tiene certeza
La samba se convierte en mercancía
Cuando brinda con la nobleza

Tanto *sambista* comenta
La samba es negro en el cuerpo
Y su raíz es lo que sustenta

Tanto *sambista* siente en la piel
La samba es hija del pueblo
Y se contradice lejos de él

Rutina de mujer

¿En cuántos buenos poemas
La mujer ya fue vista?
¿En cuántos bellos versos
La mujer ya pasó?

Fuera de la doble jornada
Fuera y dentro de la casa
Fuera de los problemas de la vida
Fuera y dentro del pecho

La mujer aún tiene tiempo
Para visitar por ahí, diariamente
Poemas de amor y libertad

Ocho de Marzo

Mujer que no enfrenta
No orienta
No encara
No se equipara
No grita
No agita
No levanta
No canta
No solidariza
No organiza
No acusa
Y no usa
La fuerza que tiene
Es porque esta fuerza
Está guardada
En una caja escondida
Dentro de si

En la lucha feminista
Halar, despegar
Arrancar con las manos
La piel histórica del machismo
Es estar siempre alerta
Es caminar al lado de la mujer
Es contribuir con ella, si es necesario
A ajustar la cremallera en la espalda
Y a fijar con un lazo firme
Las alas de la libertad

Casamiento

Escuchando bocinas del caos
O pajaritos de la paz
Quizás, siempre quizás
Casar sea una gran estupidez

Sin embargo, cualquier deseo
De conjugar este desafío
Y dejar por un hilo
Tanto el amor mayor
Cuanto a la indiferencia
Es, antes que nada
Necesariamente natural

Visto que la esperanza de ser feliz
Es siempre más grande que todo
Incluso cuando estamos ciegos
Sordos y mudos
Durante incontables instantes
En una sociedad inhumana
Que amanece el consumismo
Y anochece consumiendonos

Por la mañana

Un poco caída libre
Un poco de lado
Un brazo debajo
De la almohada
El otro posando
Una pose de lucha
Una pierna doblada
Un poco para arriba
Y la otra estirada
Hasta la punta de la cama

Un poco dormindo
Algo acordando
Los ojos cerrados
Cerca de la boca
El pelo disperso
Cerca del mundo
La espalda desnuda
Recibe un cariño
Y el muslo se mueve
Hasta la punta del amor

La futurista y el primitivo

Ella vuela, él cojea
Ella solfea, él entona
Ella perfecciona, él conforma
Ella adorna y él ensucia

Ella es búho, él es mono
Ella es trono, él es tamburete
Ella se divierte, él se ríe
Ella es bi y él es uno

Ella es rumbo, él es paseo
Ella es estereo, él es mono
Ella es tono, él es tambor
Ella es multicolor y él es marrón

Ella es esprecaución, él es bruto
Ella es fruto, él es raíz
Ella dice, él ruge
Ella surge y él llega

Ella navega, él camina
Ella encamina, él mantiene
Ella es zen, él se calma
Ella es alma y él es cuerpo

Ella es desierto, él es roquedo
Ella es dedo, él es brazo
Ella es trazo, él es esbozo
Ella es puño y él es uña

Ella imponía, él impone
Ella transpone, él se queda
Ella medita, él dormita
Ella avienta y él adormece

Ella amanece, él es alzar
Ella es pinchar, él pincela
Ella es tela, él es papel
Ella es gel y él es jabón

Ella es expansión, él horizonte
Ella es fuente, él trascuerda
Ella recuerda, él imagina
Ella destina y él es destino

Ella es sino, él es badajo
Ella es atajo, él es campillo
Ella es platillo, él es balde
Ella aplaude y él palmea

Ella azulea, él ruboriza
Ella es brisa, él es aurora
Ella es hora, él es día
Ella es melodía y él es poema

Ella es emblema, él es señal
Ella es portal, él es cancilla
Ella es de ella, él es de él
Ella es él y él es ella

Sin piso, ni techo

En el techo de la noche
Encontré un poema
Buscando a la vida
En el ala de las esposas

En el piso del día
Desparramé la pasión
Separé de la poesía
La suerte de la ocasión

Sin piso, ni techo
Con su voz converso
En el inverso del género
En la morada del verso

Si me quieres poesía
Seré para ti, poema
Si me quieres mujer
Seré, para ti, morena

Arco iris

Igual a tú
Él siente
Tal como yo
Ella también
Todos ídem

Los sentimientos son iguales
Basta tener piel y corazón
Ha milenios, quizás más
Es cultural ser y no

De cuerpo para cuerpo
El movimiento varía
De social para social
La construcción influencia
De dolor para dolor
El comportamiento vacía
De sueño para sueño
La lucha alivia

El prejuicio sí que es repugnante
La discriminación es que provoca ansia
El moralismo es asqueroso
Y la maldad indigna

El amor

El amor da una paz
La paz da un sueño...

Entrando en el sueño

Mañana ella me dio buen día
Ayer el calor castigará
Hoy yo no sabía
Qué voy a hacer al mediodía
Si el sol ya se ha reducido
“Guajira Guantanamera”
La luz del poste
Que calle limpia
El autobús
Voy

Soneto esencial

Ojalá un regalo a toda gente
Ver que la vida, al despertar
Hice de lo que hace endeudar
Un derecho simplemente

El agua, el pan, el vino
La ropa, el techo, el piso
El libro, el trabajo ideal
El parto, algo más de pañal

Sería tan fácil de organizar
Nuestros días y la sociedad
Siendo de todos lo que importa

Bastaría de inicio empezar
Tomando la libertad
De ser en la vida un idiota

Soneto optimista

Falta en el puño bandera
Falta en el dedo tucum
Falta idea certera
Falta un sueño común

Sobra en el puño un nada
Sobra en el dedo un “si”
Sobra idea atontada
Sobra sueño para sí

Para nosotros, nadie sería idiota
Ni por la estupidez o ignorancia
Ni por maldad, puro egoísmo

Para nosotros, ser humano importa
Ni por la vanidad o petulancia
Pero por el amor, puro optimismo

Cuba es poesía

Si una isla es poesía? Sí!
Como una foto del mar
Así como la palma hizo a Martí
Hacia la poesía un día mirar

Quería hojear mi álbum de fotografía
Y sorprendido, como quien hace mucho no veía
Encontrar una foto de mi infancia
Usando aquel uniforme cubano de escuela:
Camisa blanca, pantalón rojo
Y un pañuelo azul atado al cuello

(aquel uniforme es poesía)

Quería en ese mismo álbum de fotografía
Continuar buscando, disfrutando de la nostalgia
Y encontrar una foto de mi adolescencia
Al lado de una pared pintada con la frase:
“La verdadera medicina no es la que cura,
sino la que precave”

(esta verdad es poesía)

Quería una foto sin miedo de ser robado
Quería una foto sin trabajo infantil en el fondo
Quería una foto sin analfabetos e iletrados
Quería una foto de esas de Brasil y del mundo

(Cuba es poesía)

Pronóstico del tiempo

Cualquier brisa que sopla contra el capital
Es contra-propagandeadada, provoca intemperie
Todos los medios posibles se hacen vendaval
Destejando ojos, bocas y oídos en serie

Y revuelven escuelas, envergando planes de estudio
Hace tiempo, de la alfabetización al pos-doctorado
Y revuelven casas, iglesias, calles, en todas partes
Disimulando el sol aquí, allí y ahí de su lado

Movimiento Sin Tierra

Con el pie en el polvo
Con el sudor en la foto
Acampamos en la carretera
En la ciudad o selva
Sentados en el campo
En casa o choza
Aquí estamos, de hecho

En sus ojos escrito
En su certificación la simiente
Contra el tiempo estudiando
Plantando el ausente
Estirando la pancarta
En mística o marcha
Aquí estamos presente

De su fuerza en el brazo
De su simple viviendo
Soñando en ver todos
Con salud comiendo
Por el amor esencial
Enfrentando el capital
Aquí estamos haciendo

Sin dueños

Trabajamos descapitalizados
Sin seguir el silbato del capital
Vivimos la vida sin dueños
Amando no sucumbir al rival

Pues en nuestro reloj cazado
Quien dice las horas somos nosotros
Pues en nuestros brazos peleados
Quien da ordenes es nuestra voz

Presión

Por más que el Estado nos vigila
Y su policía con balas y choque
Nos bata, prenda, mata y defienda
El capital y lo que viene a remolque

Sin bandera y sin reacción
Sin presión y sin calles ocupadas
La plusvalía más valdría
Y mucho más sería más descarada

Si nosotros no gritamos, no movilizamos
El lucro de los dueños sería aún más frontudo
Derecho sería visible igual brisa
Y tiempo de asueto flojo igual nudo

Análisis de la coyuntura

Bajando hasta los detalles
Hasta las minucias de lo que sucede
Sacando fotos desde abajo
Mirando la suciedad en el piso
Sintiendo el olor de la barbarie
Cortando el día y la noche
En la espera apiñada del punto
Siendo exprimido en la ida y en la vuelta
Dialogando con los que sufren
Trabajando con los que penan
Colectivizando los temas
Socializando las estrategias
Tamborileando la solución

Ascendiendo hasta las alturas
En el vuelo reflexivo de las lecturas
Sacando fotos desde arriba
Ampliando la visión de los hechos
Por encima de las posibilidades
En el borde de lo accesible
Identificando los conflictos
Reconociendo las luchas
Señalando la historia
Tomando nota de lo que pasa
Componiendo lo que pasó
Reflexionando el insomnio
Potencializando el raciocinio

Es en ese movimiento constante
De incesante ascendida y descendida
Que el revolucionario fecundo
Por amor al mundo analiza a la vida

Las servilletas y el Espacio Cultural Latinoamericano

Pues si la vida es dura y breve
Las servilletas, todas de huelga
Decidieran, después de la asamblea
Conocer el ECLA, trocar una idea

Al subir las escaleras, la sorpresa:
Sentadas bebiendo, a gusto en la mesa
Hablaban sonriendo la Leila Diniz
Chiquinha, Dina, Pagu y Elis

Miraron a un lado y otro espanto:
Che y Fidel fumando un tabaco
Lenin y Engels allá más en canto
Escuchando Marx criticar el espacio

Las servilletas, sin acreditar
Se quedaron de mentón caído
Al ver Hugo Chávez por allá
Y Allende nada abatido

Y entonces, lo que parecía un sueño
Pareció aún más y un gran misterio
Cuando vieron Camilo sonriente
Y Maiakovski demasiado serio

Estupendo fue ver Violeta tocando arpa
El Gregorio Bezerra con Chico Buarque
Sendic, Santucho, Iara, Lamarca
Y Manuel Marulanda de las FARC

Con los brazos dados Beth Carvalho
Circulaba con Prestes y Taiguara
Mientras Neruda recitaba un trabajo
Para Zeca Afonso y Víctor Jara

De boca abierta vieron Muhammad Ali
Con los Beatles imaginando un “ring”
Y Angela Davis de prosa con Zumbi
Con Pancho, Zapata y Luther King

Y vieron Mario Lago y Gonzaguinha
Con Vianinha mojando la tragadera
Nadie escapaba de la cervecita
Ni Marighella, ni Alí Primera

También componían el increíble escenario
La Frida, Zuzu, Rosa y Olga Benário
Además de Maria Bonita, del Lampião
Y de la cubana Espín sonriendo revolución

Todo esto junto a las banderas de los baluartes
MST, MPA, Cuba, Chile, Venezuela y Palestina
Fuera de las historietas, carteles y los estandartes
Del Saci de Bixiga y Cordão da Mentira en la cortina

Y de repente, en este ambiente insumiso
Una voz en el micrófono pidió a todos atención
Era Vilma listo para hacer un compromiso
En su discurso inédito hasta aquella ocasión:

“Hola, hola, gente, gente, un minuto, por favor
Para los que no saben, esto aquí no es un bar!
Es, sí, un Centro Cultural Latinoamericano, comunista
De resistencia al sistema político que ahí está!

Aquí tiene cine club y espectáculos musicales
Ruedas de Samba y teatro, debates y similares
El Espacio es cedido a los movimientos sociales
Partidos de izquierda y organizaciones populares

El bar es quien paga las cuentas del Espacio
No tenemos ningún patrocinio
El alquiler es caro, es una lucha de brazo
Y el PSIU, casi un latrocinio“

Y así, despues de los aplausos de afinidad
Como se no bastase todo lo que pasaba
Las servilletas, como menos pasmas
Aún tuvieran otra gran oportunidad:

Conocer el incansable camarada Claudimar
Con él sentar para beber y conspirar
Y se quedar hasta la mañana trocando idea
Hasta la última línea de cualquier epopeya

Poetas improvisadores

Quien se alaba un buen poeta por ahí
Y nunca vio los que cantan improvisando
Sigue un tanto tonto sin percibir
Lo que este poema va hablando

En una única noche de canto y poesía
Los improvisadores hacen de una vez
Lo que mucho poeta tardaría
Para hacer, quizás, en un mes

En Brasil, es como un repentino aguacero:
En el tono de las diez cuerdas de acero
Ellos componen con impetuosa velocidad
En la métrica precisa de cada modalidad

Siendo las modalidades las ramas crecientes
De un tronco antiguo y espeso llamado *Repente*
Y siendo los *repentistas* el agua de todo improviso
Pues memorizado es llovizna, en la hora es granizo

Para verte

Para verte
Yo cambio mi piel
Y perfume mi alma
Ignoro el espejo
Y me adorno con la calma

Para verte
Yo ajusto el iris
Y lustro mi cristalino
Cierro bien mis ojos
Y te imagino mi destino

Para verte
Yo recuerdo del amor
Y olvido del trabajo
Me pierdo en el camino
Y tropiezo y voy abajo

Para verte
Yo perdono mis errores
Y me prometo acertar
Enciendo un cigarrillo
Y pongo una samba para tocar

Para verte
Yo me giro en la cocina
Con una mano en la barriga
Sueño en bailar
E intento un paso a la antigua

Para verte
Yo despierto antes de la hora
Y canto para el día
Me divorcio de mi tiempo
Y me caso contigo, poesía

Poesía

Poesía es una forma de decir
Es un tipo de lenguaje que no es prosa
Ni cuento

Si viene tropezando o un tanto discreta
Lo que nos hace un bueno o mal poeta
Es expresarse así y punto

La poesía puede mucho mundo afuera:
Girar por dentro de las metáforas
Contar las sílabas, encontrar la métrica
Jugar sin rima con versos blancos, libres
O recrearse rimando
Rima consonante, asonante
Rima rica o probecita
La poesía es un rimero de versos
Rítmicos o no, uno por línea

Para la poesía lo que importa es el contenido
Es el porqué de tener que gestar y nacer
Hay poeta que dice poco y lo dice todo
Hay poeta que complica por querer
Hay poeta que nada en charco
Da brazada y se ahoga en el cliché

Quien hace poemas, por gusto y por kilo
Depende de estar vivo, no del mérito
Depende de la experiencia, del estado de ánimo
Depende de las ideas motoras
Hacer de las palabras, espectadoras

Quien hace poemas no depende de luz focal
Depende de un tema inicial, de la inspiración
Depende de una insistente rememoración
O, en buena hora, de un lápiz y un papelito

Anexos

Como ya decía

Paulo Leminski:

En la lucha de clases todas las armas son buenas:
piedras, noches, poemas.

Jose Martí:

Un grano de poesía es suficiente para perfumar un siglo.

Che Guevara:

Sueña y serás libre en espíritu... lucha y serás libre en vida.

Rosa Luxemburgo:

Quien no se mueve, no siente las cadenas.

Manuel de Barros:

Quien anda en los carriles es tren de hierro.
Soy agua que corre entre las piedras - libertad busca maneras.

Cecília Meireles:

Libertad, esa palabra que el sueño humano alimenta, que no hay
nadie que la explique y nadie que no la entienda.

Simone de Beauvoir:

Querer ser libre es también querer libres los otros.

Karl Marx:

El trabajador sólo se siente en sí fuera del trabajo, y en el trabajo
fuera de sí. Está en lo suyo cuando no trabaja y cuando trabaja
no está en lo suyo. Su trabajo no es, así, voluntario, sino forzado,
trabajo forzado.

Clara Zetkin:

Estos intereses de los trabajadores, la clase explotada y oprimida
de la sociedad, son los mismos en todos los países.

Angela Davis:

El racismo, en primer lugar, es un arma utilizada por los ricos para aumentar los beneficios que traen por pagar a los trabajadores negros menos por su trabajo.

Bertolt Brecht:

Del río que todo lo arrastra se dice que es violento. Pero nadie les dice violentas a las márgenes que lo comprimen.

Florestan Fernandes:

Contra la intolerancia de los ricos, la intransigencia de los pobres.

Joan Baez:

La acción es el antídoto a la desesperación.

Nadezhda Krupskaja:

Es verdad, no hay nada peor que ser esclavo de Dios, porque en lo que se refiere a las personas podemos ajustar cuentas con ellas.

José Saramago:

No tengamos prisa, pero no perdamos el tiempo.

Olga Benário:

En tiempos difíciles hay que pensar en algo bonito.

Carlos Drummond de Andrade:

Las dificultades son el hierro estructural que entra en la construcción del carácter.

Cora Coralina:

Renunciar... yo ya pensé seriamente en eso, pero nunca me llevé realmente en serio; es que hay más carretera en mis ojos que cansancio en mis piernas, más esperanza en mis pasos, que tristeza en mis hombros, más camino en mi corazón que miedo en mi cabeza.

Gonzaguinha:

Personas diferentes son hermanas
Todos sus compañeros son iguales
Iguales y diferentes, hermanos

Violeta Parra:

Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto
Así yo distingo dicha de quebranto
Los dos materiales que forman mi canto
Y el canto de ustedes que es el mismo canto
Y el canto de todos que es mi propio canto

João do Vale:

Yo vi la lavandera pidiendo sol
Y el labrador que llueva
Los dos con la misma razón
Todos necesitan vivir

Zé Keti:

Pobre no es un
Pobre es más que cien
Mucho más de mil
Más de un millón

Dom Pedro Casaldáliga:

Con una esperanza indestructible
Somos derrotados de una causa invencible

Patativa do Assaré:

Si ser político es reclamar de las injusticias, entonces yo soy político.

Mercedes Sosa:

Es porque soy tan testaruda que todavía insisto en cambiar el mundo.

(...) yo creo que el socialismo es una doctrina totalmente triunfante en el mundo. Y no es paradojo ¿Qué es el socialismo? Es el hermano gemelo del capitalismo, nacieron juntos, en la revolución industrial. Es indescriptible lo que era la industria en un comienzo. Los operarios ingleses dormían debajo de las máquinas y eran despertados de madrugada con látigos del contraamaestre. Eso es la industria. Ahí, empezó a aparecer el socialismo. Llamo de socialismo todas las tendencias que dicen que el hombre tiene que caminar para la igualdad y él es el creador de riquezas y no puede ser explorado. Comunismo, socialismo democrático, anarquismo, solidarismo, cristianismo social, cooperativismo... todo eso. Esas personas empezaron a luchar para que el operario no recibiera más latigazos, después para no trabajar más de doce horas, después para no trabajar más que diez, ocho; para las mujeres embarazadas no ser obligadas a trabajar, para los trabajadores tener vacaciones, para tener escuelas para los niños. Cosas que hoy son banales. Conversando con un antiguo alumno mío, que es un muchacho rico, industrial, él dijo: “el seño no puede negar que el capitalismo tiene una faz humana”. El capitalismo no tiene faz humana alguna. El capitalismo es basado en la plusvalía y en el ejército de reserva, como Marx definió. Es necesario tener miserables siempre para tirar el exceso que el capital necesita. Y la plusvalía no tiene límite. Marx dice en la “Ideología Alemana”: las necesidades humanas son cumulativas e irreversibles. Cuando andas descalzo, andas descalzo. Cuando descubres las sandalias, no quieres más andar descalzo. Cuando descubres los zapatos, no quieres más usar sandalias. Cuando descubres las medias, quieres zapatos con medias y por ahí no hay más fin. El capitalismo está basado en eso. Lo que se piensa que es faz humana del capitalismo es lo que el socialismo sacó de él con sudor, lágrimas y sangre. Hoy es normal el operario trabajar ocho horas, tener vacaciones... todo es conquista del socialismo. (tramo de la entrevista de Antonio Candido concedida al Jornal Brasil de Fato, en 12/07/2011)

Cronología sumaria de Marx¹

1818 (5 de mayo) – nace en Tréveris (Renania, Alemania).

1835-1841 – Estudia derecho en Bonn y Berlín. Participa del Doktorclub, se relaciona con Bruno Bauer. Concluye los estudios universitarios (filosofía) en Jena, con la disertación ***Diferencia entre las filosofías de la naturaleza en Demócrito y Epicuro.***

1842 – colabora con la Gaceta Renana y se convierte en redactor jefe.

1843 – renuncia a la Gaceta Renana. Bajo la influencia de Feuerbach, critica Hegel. Va a París. ***Manuscritos de Kreuznach; Para la cuestión judía; Contribución a la crítica de la filosofía del derecho de Hegel. Introducción.***

1844 – con Ruge, edita los Anuarios Franco-Alemanes. Se convierte comunista, frecuenta medio operarios e inicia sus estudios sobre Economía Política. Rompe con Ruge y Bauer. Establece relaciones con Engels. Expulso de Francia por Guizot. ***Manuscritos económico-filosóficos de 1844.***

1845 – fija residencia en Bruselas. ****La sagrada familia o crítica de la crítica crítica; Tesis sobre Feuerbach.***

1846 – crea los “comités de la correspondencia comunista”. Se relaciona con los dirigentes de la Liga de los Justos. ****La ideología alemana.***

1847 – pasa a integrar la dirección de la Liga de los Comunistas. Critica Proudhon: ***Miseria de la filosofía; Trabajo asalariado y capital.***

¹ Organizado por José Paulo Netto; En esta cronología se mencionan, en negrito, a penas algunos escritos de Marx – y aquellos escritos en colaboración con Engels son precedidos por asterisco.

1848 – regresa a Alemania. Es uno de los líderes de la revolución alemana, dirige el Nuevo Boletín Renana. ***Manifiesto del partido comunista.**

1849 – después de la derrota de la revolución, se exilia en Inglaterra.

1850-1852 – se queda definitivamente en Londres. Participa activamente de las luchas internas de la Liga de los Comunistas hasta su disolución. Deja actividades partidarias para dedicarse a los estudios de Economía Política. De 1848 a 1849 [reeditado e acrecido por Engels, en 1895: Las luchas de clases en Francia (1848-1850)]; **El dieciocho brumario de Luis Bonaparte.**

1853-1858 – continua sus estudios de Economía Política. Inicia su colaboración, que se prolongará por años, con diarios de Inglaterra, del continente y norte americanos, familiarizándose con cuestiones que trascienden el mundo europeo. **Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. Borrador** [los manuscritos de 1857-1858, con el plano de lo que será El capital].

1859 – Lee con placer la obra de Darwin, lanzada este año, El origen de las especies. **Para la crítica de la economía política.**

1860 – **El Señor Vogt.**

1861 – 1863 – por vez primera desde la derrota de 1848-1849, viaja a Alemania. **Manuscritos de 1861-1863.**

1863-1865 – en 1864, vuelve a las actividades políticas públicas: es uno de los fundadores de la Asociación Internacional de los Trabajadores. **Manuscritos de 1863-1865; Salario, precio y ganancia.**

1866-1867 – se dedica a preparar la publicación de los materiales que viene elaborando desde 1857. **El capital. Crítica de la economía política** [Libro I].

1868-1870 – Continúa sus estudios de Economía Política. Participa activamente de las polémicas dentro de la Internacional.

1870-1871 – estudia materiales sobre Rusia. Dentro de la Internacional, se posiciona contra Bakunin. Proclamada la Comuna en París, inicia una campaña de apoyo a ella. Escribe, en nombre del Consejo General de la Internacional, los tres mensajes sobre la guerra franco-prusiana y sobre la Comuna (ésta última republicada por Engels, en 1891, como **La guerra civil en Francia**).

1872-1873 – ruptura abierta con Bakunin. ***Las supuestas divisiones en la Internacional.**

1875 – acompaña la constitución del Partido Social Demócrata Alemán y escribe Glosas marginales al programa del Partido Operario Alemán (publicadas por Engels en 1891, con el título de **Crítica del Programa de Gotha**).

1876-1880 – viaja en busca de tratamientos para su salud frágil. Profundiza investigaciones en relación a la agricultura. Estudia la cuestión de renta de tierras y de la problemática financiera.

1881 – vive un duro golpe personal: fallece su mujer.

1882 – su estado de salud empeora. Viaja en busca de cura.

1883 (14 de marzo) – fallece en Londres y es sepultado en el Cementerio de Highgate.

Poetic tour
through Marx's work
and other
necessary poems

Presentation

The idea and the poems in this book emerged from the course “Introduction to systematic reading of Marx’s work” - course with a workload of 200 hours, organized by the Florestan Fernandes National School (ENFF).

The book is divided into three parts. The first brings poems which address a key point or a set of 20 Marxian publications considered essential ideas. The intention is to present a chronological script for study and as tips that serve as interpretation of such works. All these poems are accompanied by a text that contextualizes the life of Marx and the corresponding publication. Text written by the Marxist theoretician José Paulo Netto, coordinator of the afore mentioned course.

The second part of this work brings poems that illustrate general topics. Besides contributing to the poetry of the universe, most of these “other necessary poems” allows us to deepen the reflection proposed in the first part.

The third and final part of the book presents two annexes. The first relates excerpts from poems and phrases of personalities from Brazil and other countries. The editing facilitates the construction of thinking that justifies, for example, the study of Marx’s work. Finally, the second annex, also made by Professor José Paulo Netto brings a chronological summary of the work honored in this poetic tour.

Wishing everyone good reading and studying.

*Political and Pedagogical Coordination
of the Florestan Fernandes National School
Guararema, November 2015*

Translator's note

Translating poems is never easy; indeed, there is a well-known saying that “poetry is what is lost in translation.” However, the language of struggle echoes and rhymes across nations. Generations of militants have drawn inspiration from the songs and poems of their comrades around the world.

In trusting me with his poems, the author advised me to translate their “poetic truth.” I aimed to convey their meaning and their spirit of resistance and scientific socialism, though I often had to change the wordplay and meter from the original Portuguese.

Though I am not a poet, I am a lifelong socialist and poetry reader, and I am proud to have taken part in this project. I hope the English-language readers enjoy these poems as much as I did.

Dylan Stillwood

Moor

Barbarity tossed on the sidewalk
While business is played in the halls
In every corner misery in currency
And the power of a mere dollar sign

For the emancipation of humanity
A human being shouted at time
For the meaning of our liberty
He thought of life being human

He dug up the pain of the oppressed
And found the history of the oppressor
He dreamed a fighting dream
He dreamed, above all, of love

Karl Marx was born on May 5th of 1818 in Trier, Rhineland, west of Germany. A theoretician and a man of action, researcher and militant, Marx (whose nickname amongst those that were the closest to him was Moor) was invoked throughout the 20th century by those that adhered to the radical critique of bourgeois society and in the practical-political processes of national liberation, anti-imperialist struggle and construction of socialism. Intellectuals of the most diverse extraction guided their reflections with Marxist inspiration. Millions of men and women, old and young and of the most diverse latitudes, protagonized struggles and experiences in the name of his ideas- or the ideas attributed to him once his legacy was the object of multiple interpretations, vulgarizations and deformations, etc.

Works

Sleeping a bit, if at all
The scratch of a feather pen
A hundred volumes and more
His works are no less than a poem

Irreplaceable instrument of study
That reveals the society in focus
With Marx, we can't understand all
Without Marx, we can't understand anything

And more than his texts which unfold
And as much as his ideas are debated
What matters is the spirit of the work
What matters is the side that we fight on

The work of Karl Marx, due to its theoretical significance, is a frame in Western culture – and due to its socio-historic impact, it has universal relevance. It delivered the bases for a theory of bourgeois society grounded in a social ontology of which work is the foundation. It remains at the center of controversies that are relative to nature and the structure and dynamic of the society we live in. The research to which he dedicated his entire life aimed to support the revolutionary action of workers, whose objective – human emancipation – supposes the overcoming of the social order commandeered by capital.

Inversion

For us, I invented a love
Just as men invented god
Yes, love, god too is an invention
Invented to guide the hearts
Of those who suffer with loss and failure
Of those who reach out their hands and sell their arms
For the love of their kin

For us, I inverted a poem
Just as a man inverted an idea
Yes, poem, an idea can be inverted
One more inversion, if I may
It's not society that make the State
But the State that makes the society
For pure deconstruction

Marx's preoccupation with Hegel's political thought, fundamentally with the relationship the philosopher established between the State and civil society, started in 1842. It is in the second semester of 1843 that Marx examined in depth the philosophy of Hegelian law in a manuscript (known as the Kreuznach Manuscript or *Critique of Hegel's Philosophy of Right*, still unpublished until 1927) where, under the direct influence of Feuerbach (on the invention of god), he deconstructs Hegelian formulas.

Domination

I lie down a stranger to my neighbor
I cover myself with the rights that exist
I sleep worshipping what is mine
Money is a sad dream

The alarm frightens me
At five I get up for bread
I wake up to a half cup of coffee
Then slide my feet into my commute

Forty-four hours, in all
The week punishing my destiny
There's no whip, no overseer
What dominates us cannot be seen

The Franco-German Annals (Deutsch-Französische Jahrbücher) merely became one issue, edited in Paris in February of 1844. One of the texts published is ***Regarding the Jewish Question***. In it, Marx demonstrates among many things that the emblematic schism (what he would call alienation) between the public man and private man, due to egotism, the practical need for power and money, occurs under the conditions of political emancipation (that is, without relationships of personal dependency and with formal equality of rights) and under a political State (that is entirely secular). Then, the political State can ensure political emancipation, but it cannot guarantee the human emancipation which implies the end of alienation (the power of private property and of money) and guarantees real and concrete liberty to all men.

Inhuman

Thousands of men and women
From the young to the elderly
From mountains to hilltops to suburbs
City, country, woods, and sea

They set the tone for the rooster's crow
Or, if not, the factory whistle's blow
And then, at no more than a fingersnap
They're ready and waiting to toil

They head to the couch at the end of the day
Or, if not, to the bar to forget the day
And then, without thinking more of today
They're ready and waiting for another day

One of the main results of Marx's encounter with Political Economy was the ***Economic & Philosophic Manuscripts of 1844*** (unpublished until 1932). In this set of three manuscripts written between April and August of 1844, Marx starts to elaborate his ontological conception of man as a practical and social being. He develops his analysis placing work as the primary objectification through which man self-constitutes and conceives of human essence as a historically radical structure, whose debasement is expressed in alienation, which in turn has its roots specifically in private property. Marx demonstrates how salaried work alienates the worker from himself, from other men, and from nature at the same rate that it also alienates the capitalist. However, the overcoming of such alienation is necessary only for the workers, leading to the suppression of private property, with communism, and the "moment of emancipation of human recovery" – communism is thus not the end of history, but the form of human society.

Everything

There's no use dividing the land
And distributing private property
If we don't abolish in every plot
The essence of injustice

The pleasure of valuing hard work
With no wish to take advantage
Is the desire to make of our lives
A complete masterpiece

Written mainly by Marx between September and November of 1844 and published in February of 1845, the ironic and scathing ***The Holy Family*** or “Critique of Critical Criticism – against Bruno Bauer and Company” centers on the critique of old “young Hegelians”, especially in their idealistic conceptions. The book really starts off the review of post-Hegelian philosophy that Marx and Engels developed later on. In opposition to those conceptions, Marx not only consolidates his materialist posture, but continues the critique of Political Economy and the signaling of historical protagonism of the working class.

Objective of the object

After inventing the car
I had to invent gasoline
Lay pavement in place of dirt
Change our routes and our routine

I recreate and make the new object
My reason and my feet
It carries me, governs me
And becomes the law of my journey

Exiled in Brussels (where he lived until 1848) Marx continued studying at an astonishing pace (dealing with Political Economy, with “utopian socialists”, demographics, the history of machinery and technology and the development of the banking system). All this accumulation is going to contribute to the bases of two fundamental documents in the architecture of the Marxist work. The first ***Theses on Feuerbach*** was written by Marx in the spring of 1845, and remained unpublished until 1888, when Engels revealed it. The eleven Marxian theses don’t just critically evaluate Feuerbach’s materialism, previously valued by Marx. It also goes on to discuss the materialist dialectic conception it is founded on and later to be intensely developed in the second document, *The German Ideology*.

Inclusion

Out with the reserve army of the hungry
Outside, not even the word “exclusion!”
Life and labor muscles
Just sell, and all hands to work

But be aware, there’s a condition:
The curtain of social harmony will only open
If everyone can play their part
Far from the spectacle of exploitation

Written by Marx and Engels between November of 1845 and April of 1846, ***The German Ideology*** (unpublished until 1932) is much more than a critical review of post-Hegelian, German philosophy: in it there appear, for the first time explicitly, the original theoretical and methodological conceptions that were to become the foundation of Marx’s social theory.

Social history

They won when they were born:
She, a doll; he, a toy car
What the industry produced
Through commerce it was affection

They said when they heard them:
He, "it's mine"; she, "it's mine"
What consumption produced
It was the relationship that came with

They didn't hear when they said:
In our individual history
We produce sociability
According to material production

The book *The Poverty of Philosophy* was written in French near the end of 1846 and up to April of 1847, and was published in July. It is a controversial piece in which Marx reduces to dust the argument that Proudhon exhausted in the recently published *Philosophy of Poverty* (1846). However, the biting Marxian critique (which Marx would summarize in the letter to Annekov dated December 28, 1846) that constitutes a condemnation of Proudhon's theoretical fumble is not exhausted. In *The Poverty of Philosophy*, Marx advances his first systematic analysis of the capitalist mode of production: historicizing the economic categories it offers (assuming for the first time the label of "economist") a combined vision of the genesis, development and contradictions of this mode of production.

Bourgeois society

Nature is transformed by force
The productive forces grow strong thus forcing
The labor force to organize

The market is created in the world
The worlds become interdependent and change
The business world within each nation

Production is socialized over time
The surplus appropriated at the same time
In time to radicalize the contradiction

History is made dynamic through struggles
The struggles between the classes, determined
In the face of absolute exploitation

The State is previous class power
The price of capital is the worker possessed
And the inevitable process of revolution

Marx and Engels, elected by the central leadership of the League of Communists, are charged with writing its programmatic manifesto. It is thus that between December of 1847 and January of 1848 they dedicate themselves to the elaboration of the ***Manifesto of the Communist Party***. Their proposals do not step away from a utopian prospect of a future to be constructed by the ethically generous dedication of an illustrious vanguard, but are also an analysis of the concrete possibilities put forth in the dynamic of history by the development of the present, real situation. For this reason, Communism does not appear merely as an aspiration for a society, "in which the free development of everyone is a condition for the free development of all;" it is foremost a concrete possibility arising from the dynamics of reality: the evolution of bourgeois society objectively puts forth the Communist alternative.

Permanently

There's no place in a poem for the grand bourgeoisie
Nor the democratic petit bourgeois
There's no verse to poeticize the liberal bourgeois
There no poetry in the republican petit bourgeois
Nor in the democratic constitutional petit bourgeois

For we know: no matter how they flaunt that they are Christian
They only have an interest in their portion, they all want more

There's a place in a poem for the people, with their everyday hope
There's a place for the peasant, weeding and turning the ground
For the rural proletariat, a verse seasoned with salt is sweat
There's poetry in the proletariat's toil, even with such pain about it
And to the worker's eyes, a poem of struggle is a cry of liberation

For we know: no matter how disguised the exploitation
They only have an interest in revolution, they should all join the fight

In March of 1850, in the task of reconstructing The League of Communists, Marx and Engels write the ***Address of the Central Committee to the Communist League***. In this document, extracting lessons from the process that began in 1848, they discuss the relationship between the need for alliances with the proletariat and other fractions of classes and their autonomy in the course of the democratic revolution. This is when they formulate the theory of permanent revolution.

Copy of a coup

All of the classes in checkmate
The Second Republic in endgame
A provisional chessboard is set up
With the workers left out of the match

In the contest for president, Louis makes his move
His edge, aside from cynical alliances
Is the inherited vote of the simple peasants
Who to his uncle Napoleon had always been loyal

Bankers, industrialists, lords of estates
Break away from their party ties
The bourgeoisie cedes political power
For its economic power not to be in vain

And so, for three years, Louis was president of France
The bourgeoisie disrobed, the despot took his turn
As if to imitate his uncle's democratic slant:
"Here, in the polis, you shall bow at my feet!"

From the initial years in London (where he would live in exile from 1849 until his last days), Marx's most expressive work is that in which he refers to Louis Bonaparte's coup of December 2nd, 1851, which resulted a year later in the imperial restoration. Very quickly (given that he sent them to New York where they would be published in May), at the end of March of 1852, Marx writes ***The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*** – being an authentic paradigm of conjuncture analysis. It departs from a survey of the class structure of France, where Marx studies the correlation of political forces in the events of 1848 and the meaning of the coup. At the same time, it develops extremely rich considerations about the nature of the bourgeois State and the Bonapartist phenomenon.

Consciousness

She always believed that her consciousness
Determined the logic of her social existence
Till she understood that her being in society
Is what determines the consciousness she has

For she saw in the world that social life (and its pulsations)
Is born from the relations of production (not from deities)
And that all of these relations (wrapping up this story)
Form the economic structure of societies

And she saw that on top of this structure (pure criticism)
Is formed a superstructure of law (and politics)
And that the (social) forms of consciousness determined
Correspond to the real structures that dominate

From July 1857 to March 1858, he would produce a formidable work, a frame for the piece and the manuscripts only integrally published between 1939 and 1941 under the title ***Introduction to Contribution to Critique of Political Economy***. In these manuscripts we have without a doubt what Rosdolsky characterized as the genesis of the structure of Capital – still in a gross and incomplete form. Based on some of the partial results until then reached, Marx prepared, between August and November 1858, the book that they would publish in June of the following year: Contribution to Critique of Political Economy. Fine-tuned and polished, the Marxian exposition contains two lean chapters: in the first the structure of commodities is analyzed and in the second that of money and monetary circulation.

Correlation

To make a colored pencil
A tree has got to fall
For the tree to hit the ground
A chainsaw needs to cry out

If in this chainsaw there is a screw
Then oil, plastic, metal and iron
To make this pencil I then use
What the chainsaw uses to work

Not to mention the truck that carries it
Not to mention the pieces that form it
Not to mention the clothes that I wear
Not to mention the other essentials

To produce almost anything
We need almost everything
There's a chain of products
In each product we create

If in the pencil there is social labor
Also then in the materials that make it
This is the common element
In each and every commodity

Later on, between 1861 and 1863, Marx set out to redact one more set of manuscripts, voluminous material only published in their entirety in 1976-1982, which in reality contains elements of the various volumes of *Capital*.

Labor power

Labor power's a commodity
The price of labor power is the wage
The wage is how much you would need
To carry out the worker's job

Wages buy what it needs to sustain
They buy some booze and humble clothes
They pay the rent, the light and water in the slum:
This in sum is labor power's value

For the measure of a commodity's value
Is the average labor time to produce it
Greater productive forces (technology)
Require less labor, and thus a lower price

All commodities, in general
Are traded for their proper value
For were this not the case
The buyers would ruin the sellers

Only labor power breaks the rule
Always sold beneath its rightful price
What the swindled worker "charges"
Is half, maybe one or two-thirds

A handful of sand turned into glass
Remains a handful of sand
While labour power in production
Is worth more than the price it commands

The tour de force in question – which expresses Marx's intellectual climax – corresponds with the elaboration, between 1863 and 1865, of a third set of manuscripts, less voluminous than the previous two and only published in 1988.

In surplus of its value

Always with my head down, I get to work at eight
By ten, what I've produced has paid my wage
From ten to twelve, my sweat pays the expenses
From two to six, all I make is a fool of myself

For half the day I work for free
Month after month the boss runs a racket
Profit comes not from the sale of goods
But the purchase of cheap labor power

The capitalist invokes the god of the market
What he doesn't want falls into disuse:
He pays the exchange value for labor power
And keeps the use value for himself

And if he adds hours to the workers' day
The body of the poor will feel it, making struggles pop
So the boss intensifies work in disguise
Watching and clocking their movements

Not for nothing the bosses make profit with a smile:
In their factories or indirectly
They have thousands and thousands earning a pittance
With their heads down, producing surplus value

In these three sets of manuscripts, described in previous pages (known as *Grundrisse*) the Marxian investigation is in process and discovers in its richness the complexity, the structure, dynamic – with its tendencies and fundamental laws – and the inherent limits of the capitalist mode of production. There lies what could be designated as the provisional versions of the inconclusive magnum opus of Marx, ***Capital – Critique of Political Economy***, published in September of 1867 (only Book I, focused on the process of production of capital).

Commodity fetish

In the shops, in the galleries, in the fairs, in the stores
In the bakeries, on the street, at the vendors, in the markets
On Christmas, on Easter, on the days, so many Days
Father's Day, Mother's Day, Children's Day, Valentine's Day

To produce and have products is our common bond
But if we arrange our society on this model
We accept that material relations compose our music
And our social relations echo through commodities

Through the market a thing becomes a commodity
When exchanged for money, in full or installments
All commodities are born with their fetish attached
An intangible feature that comes from alienation

One doesn't know the types of work carried out
Nor how much time was spent on each task
Nor about the expropriation of social labor
Much less each object's role in history

Simply buying and selling a commodity
One doesn't consider what in it is hidden
Unconsciously giving it a value it hasn't
And relating to the product in a mystical way

Like religion: the rosary, the amulet, the sculpture, the crest
Objects to shape the destiny of those who bought them
When they find life and power in objects and not in themselves
The owners become things at the mercy of an illusion

Book I, *The Process of the Production of Capital*, basically deals with the determinant relationship of the capitalist mode of production: the exploitation of all salaried work by capital. The analysis parts from the cell of the Capitalist Mode of Production, the commodity, and exposes the effects of universal commodification of the social relations (or fetishism), and reveals the nature of value. It shows the transformation of money into capital, determines the peculiarity of the commodified labor force, distinguishes constant capital from variable capital, elaborates the essence of the exploitation of work and its need in relation to surplus value – and brings to light the general law of capitalist accumulation.

Between profits and crises

Money is invested in clouds
In the sky the product is produced
The commodity is sold to the winds
And the weather is more money acquired

But if the clouds overload the sky
With the gray of overproduction
Nothing is sold, the air turns muggy
And the weather is thundering layoffs

The clouds in the sky are the movement of capital
Breaking this cycle is the downpour of crisis
To say that a storm cannot be predicted
Is to cover the sun with a sieve of analysis

Two years after Marx's death, in 1885, Book II came out, which was focused on the process of circulation of capital, edited by Engels (Marx prepared the essential). *The Process of Circulation of Capital* analyzes the movement of capital, seizes the metamorphosis of capital and its cycles; rotation of capital, circulation of surplus value, reproduction, and accumulation are examined from the point of view of circulation.

Horizon

With irrational hunger, animals feed on each other
Without mercy or pity, they chew on raw flesh
As long as humans are thirsty for capital
The dehumanized will always have a cross to bear

When good sense becomes the law of society
Renewing nature will be a matter of course
There will be pleasure and dignity in doing what's needed
And work will be useful and in moderation

In 1849, Book III saw the light – the delay in publication was due to the state in which the materials left by Marx, being that they were very disjointed. Here it is worth saying that Engels was much more than an editor, intervening significantly in the structuring of the text. In Book III, ***The Process of Capitalist Production*** as a Whole, the analysis of the capitalist mode of production reaches its peak. Marx studied how the indissoluble unit of circulation and production, the validity of the law of value, is verified and the concrete forms of capital (including “interest bearing capital”) are studied in their movement. Marx also deals with the concept of landed property and rent and the inherent limits of capitalist production as an alternative to the “kingdom of freedom.”

Categories in sight

To the careful eye of the economist
Taking the veil off the capitalist system
Is to define and match categories
To then construct and create theories

To the greedy eye of capital
Every type of labor that's paid
Is as productive as it is private
Though indispensable for material production

To the thirsty eye of surplus value
All labor related to production
Is as unproductive as it is crucial
Though unrelated to the making of goods

Book IV, *A Contribution to the Critique of Political Economy* (Theories of Surplus Value), saw the light between 1905 and 1910, under Kautsky's purview, in a very unreliable edition (only in the 1950's did it become possible to have a trustworthy edition). This book, which was dedicated to the theories of surplus value, goes beyond the critical analysis of economic thought (Steuart, the physiocrats, Smith, Ricardo, Sismondi et al.), Marx thematizes the fundamental question of productive and unproductive work.

Paris Commune

For the first time in the garden of history
Insurgent workers precipitated the germination of time
Taking the State from bourgeois mouths
The fruit that was moldy, rotten and fetid

And with a cheap knife from a poor kitchen
Began to clean it, piece after rotten piece
They elected a fruitful assembly
With the reddest saplings and seeds

But when just two months and nine days had passed
The bourgeoisie trampled the hope for flowers:
The blood of thirty thousand, irrigating Paris
Forty-five thousand planted in jails
And four thousand spit out of the French orchard

In relation to the Paris Commune, Marx does not merely adhere to the most salient aspects of the first meteoric experience of worker power and direct democracy: he analyzes it in depth and detail, extracting inferences (especially those that related to the question of the State) which he evaluated as decisive to the revolutionary project. He did this in the last three "Messages" he prepared to be emitted by the General Council of the Internationale, between July of 1870 and May of 1871. And from this message, ***The Civil War in France.***

On the Road

The day when we leave exploitation behind
Which burdens us now with subservience
And blocks the path to emancipation
Work shall no longer be means for survival

During the journey camaraderie shall reign
For our lofty path is socialism
The State dismantled along the way
On the road to building collective wealth

Recognizing the unique abilities of all
Our rights shall correspond to our differences
To evolve ourselves in every regard
Shall be our reason to live and our faith

The day when our priority is to be human
Men and women shall do justice to humanity
Causing misery no longer part of the plans
And work but a child of necessity

In 1875, in a congress that took place in Gotha, Germany, the German Social Democratic Party was created. Marx defended the unity of the socialist and revolutionary tendencies as long as it was grounded in clear principles and in a defined program. He did not however, observe any of this in the congress in Gotha, seeing in it a rushed tactic and conciliatory solution. Before the program was proposed at the congress, Marx wrote some "Critical Marginal Notes" and sent them to the party leaders. These were only published by Engels in 1891, under the title ***Critique of the Gotha Program***. This certainly constitutes the last theoretical-political text attributable to Marx. It formulates extremely important ideas about the revolutionary transition beyond capitalism, including the distinction between the dual phases of the communist society.

Other necessary poems

Good disguise

Whatever shall I do
If poetry stays on the ground?
A verse doesn't attract
Not even daring to open its arms
Not even leaping off a porch

Whatever shall I do
If poetry is rejected?
A verse doesn't heat even when lit
Nor when shouted out to the four corners
Not even when quieted in just one song

Whatever shall I do
If poetry today is a waste?
A verse doesn't ring or resound
Not even showing another guise
Not even using a good disguise

Taste of a clock

The scent of reading
Flies away and is lost
If the flavor of time
Has the taste of a clock

While toil consumes
And cooks one and all
The aroma of poetry
Will always be not reading

The culinary art of knowledge

In order to chew on a subject
It's good to read and reread the nourishment
The minimum needs to be much
Study gives flavor to the foundations

To swallow a topic
It's good to read the menu
Labor makes us reflect
Toil seasons our principles

To digest the facts
It's good to taste the dishes
If you don't like it, there's no use
Forget lunch, dinner too

All that is told

All that is told
Depends on who says it
Depends on the source
On the informant
On the guidelines

All that is told
Depends on who speaks
Depends on which side
Of the wall
Which wing

All that is told
Depends on who narrates
Depends on the life
On the pain
On the burden

All that is told
Depends on who shouts it
Depends on the weapon
On the trench
On the war

All that is told
Depends on who cites it
Depends on the context
On the content
On the writing

Communiqué

From word of mouth
To carrier pigeon
From the first printing
To satellite transmission

The hegemonic line
Hideous and antagonistic
Looms over our voiceless
Tones without a wave

Arms of struggle

If the class struggle
Were a battle of verses
It would be so different

To advance one would prepare
Various poems
To quiet
Or move one's opponent

Arms of war

Over the course of history
If wars were hand-to-hand
No sticks, no stones
No gunpowder, no steel

Few deaths, bruises and fatigue
They would not have created the submissive man

Firearms

The boy sitting there
Playing at war
On the ground, so cute
Bombarding the idea
Onomatopoeia
Exploding softly

He doesn't know and, who knows
Maybe will never know
That the war industry
Not only exists, it prospers

He doesn't know that the firepower
Stored and ready to be launched
Is, yes, what guarantees
The pomp and ado of the rich
The glitz and perfume of the gentry
The salary and pride of the officer
The permanence and routine of the poor

Arms as always

Among cries and pains
Before the encounter
Among skins of all colors
Black, white
Yellow, red
They already fought over
Their territory

Before everything
Before anything else
Possession is a punch
Having is set in stone

Among songs and flowers
Before the encounter
Among skins of all colors
Black, white
Yellow, red
They already collectivized
Their lives

Before everything
Before anything else
Distribution is a shield
Sharing is a vigil

Distance

A whole cigarette
Is a beggar's luxury

Not even the shelter's splendor
Is fit for a lord

Discretion

Suicidal people can't fly
When they jump off a bridge

But they may, under a plain roof
Slowly sleep and die

Me, you, him

I know
You don't know
He can't imagine

I already knew
You didn't
He has no clue

I always
You never
He, not a chance

I

I am graced by god
And, I think, by aliens too
I am the joy of all
I'll explain it to you

I'm the man
I'm perfect as hell
I've got a gift, I work
I deserve everything and a bit more

But if one day an alien
Revises the dictionary
Or god, if he wants
Changes our language

And the word "I" is abducted
Erased from our lives
Forgotten from our lives
What will happen to me?
What will I do?
What will I talk about?

You

Knowledge is a gift
That the good lord gave me
You are irrelevant
Arrogant? Me?

Irony is a talent
The breath of sarcasm
You inhale stagnation
I blow movement

He

He is my neighbor
But I don't care
My heart is a port
My sea is calm

He is but one more
And less than I
I am more for what is mine
Loving myself is my faith

Childbirth in the countryside

At the birth of a baby boy
The mother screamed like never before
The three cows by her side
Moored like a song

The old goat in the corral
Let out a frightening cry
But only frightening for us
For him it was a laugh

The rooster held its breath
Before singing a tune
Responding to the occasion
The birth, the scream, the cry

At the sound of the woman
Right at the hour of childbirth
A star came falling
Scratching the firmament

A splendid, moving birth
And a shooting star at the right time
Were sufficient, were enough
For the word to travel the world

The news echoed from town to town
Like a snowball that grows
Down the ideal mountain
The hill of faith, hope and prayer

Many came to believe
That everything changed from then on
Others preferred just to say:
Another birth, another day

Childless verse

This simple verse and that below
A single night they slept together:
This poor verse here was born

The little verse grew up and wed
Was happy, but did not reproduce

Jail

He was cute when he was one
Like all babies
Today, at thirty-three
He's not even human

Like the other unwelcome
He lives like a caged dog
In an overcrowded hell
Of ex-cute babies

Fashion

No matter the color you wear
Or the style you're dressed in
No matter the model or cut
Or product in your hair
No matter the material, the decoration
Or the supply of accessories

What never goes out of style
While we depend on capitalism
Are the blinders on us, like a horse
Of leather, usually
Made to guide our eyes
And lead our feet
Most of all
Young women and men

Hammer and sickle

The sun weighs on our back
And sweat pools in our eyes
The rain beats on our head
And our clothes soak our body

Pay attention to your feet
For the snake is sharp
Be careful with your fingers
For the machine is vicious

The day is slow
The week is slower
The month is hard
The year is harder

Payment is a drop
Pleasure is a shadow
Exhaustion is a landscape
Exploitation is a labyrinth

Future

Much like the craft of every species
Every cog meshes and operates
Much like every life and every being
Every spring twists, propels

From the canoe to the plane
From the shack to the skyscraper
From the top of the city the impression
Of the paper-printed chip

For how long?

What's the cost of a sea with no fish?
What's the cost of soil with no crops?
What's the cost of a man with no brain?
What's the cost of a lump in one's throat?

Black skin

In the history of a tear
In the lashes of time
From the slave quarters to the tenement
From the tenement to the ghetto:
Only if you are black can you hear it

In the siren of values
In the pat-down of the cops
From the wall to the cell
From the cell to the coffin:
Only if you are black do you know it

In the slouch of exhaustion
In the pothole in the road
From the cot to the toil
From the toil to the wait:
Only if you are black do you feel it

In the fist of the struggle
In the heart of the idea
From Africa to the world
From the world to all:
Only if you are black do you shout it

Samba is the child of the people

So many *sambistas* have said
Samba was born on the ground
And hunger lifted it up

So many *sambistas* have disclosed
Samba's arms are black
And it was raised by the poor

So many *sambistas* have composed
Samba grew up in the music circles
And the thirst is your voice

So many *sambistas* have explained
Samba's mouth is black
And its people don't heard

So many *sambistas* have spoken
Samba goes out sometimes
And gets lost, who'd have thought

So many *sambistas* have written
Samba's feet are black
And it sold itself with its hands tied

So many *sambistas* are certain
Samba becomes a product
When it mingles with the elite

So many *sambistas* point out
Samba's body is black
And its roots are what sustain it

So many *sambistas* feel it
Samba is the child of the people
Contradicting itself when far from them

Women's routine

In how many pretty poems
Has a woman been seen?
Through how many beautiful verses
Has a woman passed?

Beyond the double shift
Inside and outside her house
Beyond life's problems
Inside and outside her breast

Woman still has the time
To pay a visit, daily
To poetry of love and freedom

March 8

When a woman doesn't confront
Doesn't guide
Doesn't face
Doesn't rise
Doesn't shout
Doesn't agitate
Doesn't lift up
Doesn't sing
Doesn't sympathize
Doesn't organize
Doesn't accuse
And doesn't use
The strength that she has
It's because this strength
Is stored
In a hidden box
Within her

In the feminist struggle
To pull, to unfasten
To tear off with your hands
The historical skin of sexism
Is to always be alert
Is to always walk beside her
Is to help her, when necessary
Is to zip up her back
And arrange with a beautiful bow
The wings of freedom

Marriage

Hearing the car horns of chaos
Or the songbirds of peace
Maybe, just maybe
Marriage is foolishness

However, any desire
To conjugate this challenge
And leave hanging by a thread
The greatest love
As well as the indifference
Is, first and foremost
Necessarily natural

For the desire to be happy
Is the greatest of all
Even when blind
Deaf and dumb
For countless instants
In an inhuman society
Whose daybreak is consumerism
And whose sunset consumes us

In the morning

Half face-down
A little to the side
One arm under
The pillow
The other lying out
In a fighting pose
One leg bent
Up a little
The other stretched out
To the end of the bed

Half sleeping
A little awake
Eyes closed
Close to the mouth
Hair spread out
Close to the world
The uncovered back
Gets a caress
And the thighs stir
To the brink of love

The futurist and the primitive

She flies, he limps
She sings, he echoes
She perfects, he adapts
She dresses up and he gets dirty

She's an owl, he's a monkey
She's in the void, he's in the shadows
She jokes, he laughs
She is two and he is one

She's on the way, he's on the ground
She's in stereo, he's mono
She's polychromatic, he's brown
She's in key and he's stuck in the throat

She's cautious, he's a brute
She's fruit, he's the root
She speaks, he bleats
She emerges and he arrives

She navigates, he walks
She leads, he maintains
She's zen, he calms down
She is soul and he is body

She's comfort, he's stone
She's a finger, he's an arm
She's a feature, he's a sketch
She's a fist and he's a nail

She imposed, he imposes
She surpasses, he stays
She meditates, he naps
She airs out and he falls asleep

She wakes up, he gets up
She's a mantra, he's a verse
She's a universe, he's the sky
She's gel and he's detergent

She's vastness, he's the horizon
She's the source, he overflows
She recalls, he imagines
She is fate and he is destiny

She's a bell, he's a clapper
She's a halo, he's an iris
She's a saucer, he's a bucket
She applauds and he claps

She's a butterfly, he's a cocoon
She turns blue, he blushes
She's an hour, he's a day
She's a melody and he's a poem

She's an emblem, he's a sign
She's a portal, he's a gate
She is hers, he is his
She is he and he is she

No floor, no edge

On the edge of the night
I encountered a poem
Searching for life
On the wings of shackles

On the floor of the day
I spread desire
Separated from poetry
The luck of a chance

No floor, no edge
With your voice I converse
In the inverse of gender
In the home of a verse

If you wish me to be poetry
I will be, for you, a poem
If you wish me to be a woman
I will be, for you, woman

Rainbow

Just like you
He feels
Same as me
She does too
All of us equal

The feelings are the same
All you need is flesh and a heart
For millennia, maybe more
To be and not to be is cultural

From body to body
The movement varies
From culture to culture
Socially constructed
From pain to pain
The behavior takes leave
From dream to dream
The struggle relieves

It's prejudice that's disgusting
Discrimination that's vile
Moralism is sickening
And evil provokes indignation

Love

Love makes us peaceful
Peace makes us sleepy...

Falling asleep

Tomorrow she said good morning
Yesterday the heat will be brutal
Today I no longer knew
What I will do at noon
If the sun will set
“Unforgettable, in every way”
The streetlight
What a dirty street
The bus
I go

Essential sonnet

If only, as a present
We woke up to see that life
Has made the things that indebt us
Into simple rights

Water, wine and bread
Clothes, a roof, a floor
Childbirth and diapers
Books and ideal chores

It would be so easy to organize
Our days and society
The essential everyone's would be

A good start would be
To take away the freedom
To be a boor in life

Optimistic sonnet

There's no flag in your hand
There's no ring of *tucum* on your finger
There's no surefire idea
There's no common dream

What's left in your fist is a nothing
What's left on your finger is an "if"
What's left is a foolish idea
What's left is a dream for one's self

For us, no one would be an idiot
Not out of stupidity or ignorance
Nor out of evil, pure egotism

For us, human beings matter
Not out of vanity or petulance
But out of love, pure optimism

Cuba is poetry

If an island is poetry? Yes!
Like photos of the sea
Like the palm leaf did to Martí
Towards poetry one day looking

I'd like to thumb through my photo album
And be surprised as with who haven't seen for long
Find a photo of my childhood
Wearing that Cuban school uniform:
White shirt, red shorts
And a blue bandana in the collar

(that uniform is poetry)

I'd like to keep thumbing through
This same album, enjoying nostalgia
And find a photo as a teenager
Next to a wall with the sentence painted:
"True medicine doesn't cure, it prevents."

(this truth is poetry)

I'd like to see a photo with no fear of robbery
I'd like to see a photo with no child labor in the background
I'd like to see a photo with no illiteracy, with culture
I'd like to see a photo like this from Brazil and from the world

(Cuba is poetry)

Weather forecast

Any breeze that blows against capital
Is counterpropagated, it provokes a storm
All media make themselves gale
Unroofing eyes, mouths and ears in serial

And rummage schools, twisting curricula
Since a long time ago, from literacy to postdoctoral
And rummage houses, churches, streets, everywhere
Dissimulating the sun here, there and on your side

Landless Workers Movement

With their feet in the dust
With sweat on their brow
Camped out on the road
In the city and in the woods
Settled in the countryside
In a little house or a shack
Here we are, in fact

Written in their eyes
In their certainty the seed
Studying against time itself
Planting what is missing
Unfurling the banner
In mística and in march
Here we are present

From the strength in their arms
From their simple living
Dreaming of seeing all
Healthy and well-fed
Out of essential love
Confronting capital, that's what
We are here doing

Without masters

Without capital, we labor
Not following capital's whistle
We live our lives without masters
We love not giving in to our rival

For on our persecuted time clock
The hour is set by us
For in our fighting arms
The orders are in our voice

Pressure

As much as the State polices us
And its police, with bullets and batons
Beat, arrest, kill, and defend
Capital and what comes behind it

Without flags and without reactions
Without pressure and occupied streets
Surplus value would be more valuable
And even more would be more shameless

If we don't shout, don't mobilize
The bosses' profits will be higher
Our rights visible as the breeze
And our free time as free as a knot

Analysis of the current moment

Descending down to the details
To the minutia of what happens
Photographing from below
Seeing the dirt on the floor
Smelling the scent of the barbarity
Cutting through the day and the night
In the crowded wait at the bus stop
Squeezed into juice coming and going
Conversing with those who suffer
Working with those who endure
Collectivizing the questions
Socializing the strategies
Drumming out a solution

Ascending to the heights
Of the reflective flights of reading
Photographing from above
Widening the viewpoint of the facts
At the summit of the possibilities
At the frontier of the accessible
Identifying the disputes
Recognizing the struggles
Pointing to the history
Noting down what happens
Composing what took place
Mulling over insomnia
Empowering reason

It's in this constant movement
Of incessant ascents and descents
That the fertile revolutionary
For love of the world analyzes life

Napkins and the Latin American Cultural Space

For if life is hard, as well as short
The napkins, all on strike
Decided, after their assembly
To visit *ECLA*, have a chat

Climbing the stairs, a sudden surprise:
Sitting and drinking, at ease at the table
Talking and smiling with Leila Diniz
Chiquinha, Dina, Pagu and Elis

They looked to the side and another shock:
Che and Fidel smoking a cigar
Lenin and Engels back in the corner
Listening to Marx criticize the space

The napkins, in disbelief
Were drooling, their jaws on the floor
Seeing Hugo Chávez there
And Allende, not at all defeated

And then, what seemed like a dream
Only became more surreal
When they saw Camilo in laughter
And Mayakovsky wearing a scowl

Amazing to see Violeta Parra on harp
Gregório Bezerra with Chico Buarque
Sendic, Santucho, Iara, Lamarca
And Manuel Marulanda from FARC

Arm in arm, Beth Carvalho
Walked around with Prestes and Taiguara
While Pablo Neruda recited a work
To Zeca Afonso and Víctor Jara

Astonished, they saw Muhammad Ali
With the Beatles imagining a ring
And Angela Davis talking to Zumbi
With Pancho, Zapata, and Luther King

And they saw Mário Lago and Gonzaguinha
With Vianinha wetting their throat
No one escaped a glass of beer
Not Alí Primera, nor Marighella

Also part of the incredible scene
Frida, Zuzu, Rosa, and Olga Benário
As well as Maria Bonita and Lampião
And the Cuban Espín beaming revolution

All this in the middle of the steadfast flags
MST, MPA, Cuba, Chile, Venezuela, and Palestine
Along with the cartoons, the placard, the banners
Of Saci da Bixiga and Cordão da Mentira on the curtain

And suddenly, in this restive climate
A voice on the microphone called for attention
It was Vilma ready to make a commitment
In her speech, never before heard:

“Hello, hello, people, people, one minute, please
For those who don’t know, this here isn’t a bar!
It’s a communist Latin American Cultural Space
In resistance to the political system we have!

Here there's a film club and musical shows
Samba circles and theater, debates and the like
The Space is lent out to social movements
Left-wing parties and people's organizations

The bar pays for the Space's bills
We don't have any sponsors
The rent is high, it's a struggle
And the noise laws are killing us"

And so, after the eager applause
As if all that weren't enough
The napkins, already less wide-eyed
Had yet another great opportunity:

To meet the tireless comrade Claudimar
Sit with him to drink and conspire
And chat until six in the morning
Till the last verse of whichever epic

Improvising poets

Those who claim to be good spoken poets
Without seeing those who sing and improvise
Come off as fools, for they don't notice
What these verses will poeticize

In a single night of song and poetry
The improvisers do, at once
What for many poets would take
To write, at least, a month

In Brazil, it's like a sudden downpour:
On a ten-string guitar, in a *Nordestino* key
They compose with impetuous speed
In the right meter for every style

The styles are the branches, growing
From an old, thick trunk called *Repente*
And being the *repentistas* the water of any and all improvisation
Because we know: from memory is drizzle, improvised is hail

To see you

To see you
I trade in my flesh
And perfume my soul
I ignore the mirror
And dress up with the calm

To see you
I adjust my iris
And polish my retina
I close my eyes tight
And imagine you as my fate

To see you
I remember love
And forget about work
I get lost on the way
And trip on the floor

To see you
I forgive my mistakes
And promise to fix them
I light a cigarette
And put on a *samba* to play

To see you
I whirl about the kitchen
With one hand on my belly
I dream of dancing
And try an old-fashioned step

To see you
I wake up early
And sing to the day
I get divorced from my times
And get married to you, poetry

Poetry

Poetry is a way of speaking
A type of language that is not prose
Nor tale

If it comes from caution or goes in a frenzy
What makes us a good or bad poet
Is expressing ourselves in this way, that's all

Poetry can do much around the world:
Whirl around within metaphors
Count syllables, find the meter
Run around without rhyming
Or play around with a rhyme
A rhyme that's perfect or imperfect
A rhyme that's poor or that shines
Poetry is a pile of verses
With rhythm or not, one on each line

In poetry, the content's what matters
That's why it must gestate and be born
There are poets who say little and say it all
There are poets who want to be complicated
There are poets who swim in a well
Take a stroke and drown in cliché

Those who write poems, for love and per pound
Depend on being alive, not on merit
Depend on existence, not on state of mind
Depend on ideas
Make out of words, an audience

Those who write poems don't depend on the spotlight
They depend on theme, on inspiration
They depend on an insistent memory
Or, at the right moment, a pen in their hand

Attachments

As already said by

Paulo Leminski:

In class struggle all weapons are good: stones, nights, poems.

Jose Martí:

A pinch of poetry is enough to perfume an entire century.

Che Guevara:

Dream and you will be free in spirit... fight and you will be free in life.

Rosa Luxemburgo:

Those who do not move do not feel their chains.

Manuel de Barros:

Who walks on the rail is railroad train.
I am water flowing between stones – freedom hunts its way.

Cecília Meireles:

Freedom, this word that the human dream feeds, there is no one to explain it and no one who does not understand it.

Simone de Beauvoir:

To will oneself free is also to will others free.

Karl Marx:

The worker therefore only feels himself outside his work, and in his work feels outside himself. He feels at home when he is not working, and when he is working he does not feel at home. His labor is therefore not voluntary, but coerced; it is forced labor.

Clara Zetkin:

The interests of the workers, the exploited and oppressed class of society, are the same in all countries.

Angela Davis:

Racism, in the first place, is a weapon used by the wealthy to increase the profits they bring in by paying Black workers less for their work.

Bertolt Brecht:

The river that everything drags is known as violent, but nobody calls violent the margins that arrest him.

Florestan Fernandes:

Against the intolerance of the wealthy, the intransigence of the poor.

Joan Baez:

Action is the antidote to despair.

Nadezhda Krupskaya:

True, there is nothing worse than being a slave of God, because when it comes to people we can settle accounts with them.

José Saramago:

Don't hurry, but don't waste time.

Olga Benário:

In difficult times we need to think of something nice.

Carlos Drummond de Andrade:

The difficulties are structural steel entering the character of the building.

Cora Coralina:

Give up... I've seriously thought about it but never really took me seriously; is that it has more ground in my eyes than the tiredness in my legs, more hope in my footsteps, then sadness on my shoulders, more road in my heart than fear in my head.

Gonzaguinha:

Different people are sisters
All their companions are equal
Equal and different, brothers

Violeta Parra:

Thanks to life which has given me so much
It's given me laughter, it's given me tears
Thereby I distinguish good fortune from ruin
The two materials that make up my song
And her song is the same as mine
And the song of all of you that is my own song

João do Vale:

I saw the washerwoman asking for sun
And the plowman for rain
The two of them with the same reason
Everyone needs to live

Zé Keti:

Poor is not a one
Poor is more than one hundred
Well over a thousand
More than a million

Dom Pedro Casaldáliga:

With unyielding hope
We are the defeated of an invincible cause.

Patativa do Assaré:

If to be political is complain of the injustices, so I'm political.

Mercedes Sosa:

It's because I'm so stubborn that I still insist on changing the world.

(...) I think that socialism is a fully triumphant doctrine in the world. And it's no paradox. What is socialism? It is the twin brother of capitalism. They were born together in the industrial revolution. It is indescribable what was the industry in its beginning. English workers slept under the machine and were awakened at dawn with the foreman's whip. This was the industry. Then, socialism started appearing. I call socialism all tendencies that say men have to walk towards equality and that they are creators of wealth and cannot be exploited. Communism, democratic socialism, anarchism, solidarism, social christianity, the cooperative movement ... all of them. These people began to fight for workers not be whipped, then not to work more than twelve hours, then to not work more than ten, eight; for the pregnant women not to work, for holidays, for schools for their children. Things that are now commonplace. Talking to a former student of mine, who is a rich industrial boy, he said, "you cannot deny that capitalism has a human face." Capitalism has no human face at all. Capitalism is based on surplus value and reserve army, as Marx defined. Miserable people are needed for extracting the excess capital demands. And surplus has no limit. Marx says in *The German Ideology*: human needs are cumulative and irreversible. When you walk barefoot, you walk barefoot. When you discover sandals, you do not want to walk barefoot. When you discover shoes, you no longer want sandals. When you discover socks, you want to wear shoes and socks and so on, endlessly. And capital is based on that. What is thought to be the human face of capitalism is what was taken from it with sweat, tears and blood. Today it is normal workers labour eight hours, have holiday ... all of these are achievement of socialism. (Antonio Candido's interview excerpt, published in the Brazilian newspaper *Brasil de Fato*, on July 12th, 2011)

Summary chronology of Marx¹

1818 (May 5) – born in Trier (Rhineland, Germany)

1835-1841 – studied Law in Bonn and Berlin. Took part in Doktorclub, establishes relations with Bruno Bauer. Concludes his academic studies (philosophy) in Jena, with his thesis ***Democritus and Epicurus the difference between natural philosophy.***

1842 – collaborates with Rhenish Newspaper and becomes its chief-writer.

1843 – resigned his role in Rhenish Newspaper. Under Feuerbach's influence, makes his critique to Hegel. Goes to Paris. ***Kreuznach Manuscript; Regarding the Jewish Question; Critique of Hegel's Philosophy of Right.***

1844 – with Ruge, edits the French-German Annals. Becomes communist, frequents workers spaces and starts his studies on Political Economy. Breaks off with Ruge and Bauer. Establishes relations with Engels. Expelled from France by Guizot. ***Economic & Philosophic Manuscripts of 1844.***

1845 – takes up residence in Brussels. ****The Holy Family; Theses on Feuerbach.***

1846 – creates the Communist Correspondence Committees. Establishes relations with the board of directors of the League of the Just. ****The German Ideology.***

1847 – starts integrating the board of directors of the Communists League. Critics Proudhon: ***The Poverty of Philosophy; Wage labor and capital.***

¹Organized by José Paulo Netto; in this chronology, Marx's titles are mentioned in bold and those written with Engels are preceded by an asterisk.

1848 – goes back to Germany. Becomes one of the leaders of the German Revolution; runs the New Rhenish Newspaper. ***Manifesto of the Communist Party.**

1849 – after the revolution's defeat, exile in England.

1850-1852 – takes up residence definitively in London. Takes part actively in internal struggles of the Communists League, after its dissolution. Leaves party activities for dedicating himself to Political Economy Studies. From 1848 to 1849 [reedited and added by Engels **The Class Struggles in France (1848-1850)**]: **The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte.**

1853-1858 – continues his studies in Political Economy. Starts collaborating with English, north-american and continental newspapers, familiarizing himself with issues that go beyond the European world. **Introduction to Contribution to Critique of Political Economy** [the manuscripts of 1857-1858, planning what will be Capital].

1859 – Reads Darwin's writings, released this year, The origin of the species. **Contribution to Critique of Political Economy.**

1860 – **Sr. Vogt.**

1861-1863 – for the first time, since the defeat in 1848-1849, travels to Germany. **Manuscripts of 1861-1863.**

1861-1863 – in 1864, gets back to public political activities: is one of the founders of the International Association of Workers. **Manuscripts of 1863-1865; Value, Price and Profit.**

1866-1867 – dedicates himself to publishing of the writings he had been preparing since 1857. **Capital – Critique of Political Economy** [Livro I].

1868-1870 – continues with his studies on Political Economy. Takes part actively in controversies of The Internationale.

1870-1871 – takes subjects about Russia. Within The Internationale, positions himself against Bakunin. Once proclaimed the Paris Commune, starts campaign in its support. In behalf of The Internationale's General Counsel, writes three messages about the Franco-Prussian War and Paris Commune (the latter was published by Engels, in 1891, as ***The Civil War in France***).

1872-1873 – breaks off relations with Bakunin *The Alleged Splits in the International.

1875 – monitors the German Social-Democratic Party' constitution and writes Marginal Glosses to German Labour Party's program (published by Engels in 1891, under the title ***Critique of the Gotha Program***).

1876-1880 – travels in quest of a treatment to his damaged health. Deepens researches related to agriculture. Studies land income and financial issues.

1881 – death of his wife.

1882 – his health conditions worsen. Makes more trips in quest of healing.

1883 (march 14th) – dies in London and is buried at the Highgate Cemetery.

Marx foi um humanista. Sua obra é monumental. Desvendar o modo de produção capitalista é saber sobre a história da humanidade. Posicionar homens e mulheres na linha do tempo é querer avançar. Ir adiante é superar o egoísmo. Não ser individualista é querer, na prática, a felicidade de todos. Acreditar em direitos iguais é não admitir a exploração. Enfrentar a mentira é assumir deveres coletivos. Indignar-se com a injustiça é sonhar com a liberdade. Sonhar é não fraquejar. Ter força é tomar decisões honestas. Saber das contradições é ampliar a visão. Enxergar o mundo é entender as sociedades. Analisar a conjuntura é reconhecer o desumano. Olhar para vida é querer contribuir. Criar consciência é viver melhor.

Marx fue un humanista. Su obra es monumental. Descubrir el modo de producción capitalista es saber acerca de la historia de la humanidad. Posicionar hombres y mujeres en la línea del tiempo es querer avanzar. Seguir adelante es superar el egoísmo. No ser individualista es querer, en la práctica, la felicidad de todos. Creer en derechos iguales es no admitir la explotación. Enfrentar la mentira es asumir deberes colectivos. Indignarse con la injusticia es soñar con la libertad. Soñar es no flaquear. Tener fuerza es tomar decisiones honestas. Saber de las contradicciones es ampliar la visión. Ver el mundo es entender las sociedades. Analizar la coyuntura es reconocer lo inhumano. Mirar la vida es querer contribuir. Crear conciencia es vivir mejor.

Marx was a humanist. His work is monumental. To unravel the capitalist mode of production is to know about the history of humanity. To place men and women on the timeline is to want to move forward. To move forward is to overcome selfishness. To not be individualistic is to want in practice the happiness of all. To believe in equal rights is to admit exploitation. To face the lie is to assume collective duties. To feel indignation when faced with injustice is to dream of freedom. To dream is not to falter. To have power is to take honest decisions. To know the contradictions is to expand the view. To see the world is to understand societies. To analyze the situation is to recognize the inhuman. To look at life is to want to contribute. To create awareness is to live better.

